



SANDRO RODRIGUES DOS SANTOS

**A VIVÊNCIA DE RELAÇÕES CONSTRUÍDAS ENTRE MESTRES E
ALUNOS DE CAPOEIRA E O ENFRENTAMENTO DE
PRECONCEITOS E ESTIGMAS.**

CAMPINAS

2015



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS**

SANDRO RODRIGUES DOS SANTOS

**A VIVÊNCIA DE RELAÇÕES CONSTRUÍDAS ENTRE MESTRES E
ALUNOS DE CAPOEIRA E O ENFRENTAMENTO DE
PRECONCEITOS E ESTIGMAS.**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutor em Ciências, área de concentração Saúde da Criança e do Adolescente.

ORIENTADOR: Profa. Dra. Maria Aparecida Affonso Moysés

**ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA TESE DEFENDIDA PELO ALUNO
SANDRO RODRIGUES DOS SANTOS, E ORIENTADA
PELA PROFA. DRA. MARIA APARECIDA AFFONSO MOYSÉS.**

Ass. orientador

CAMPINAS

2015

Agência de fomento: Capes
Nº processo: 01-P-4525/2013

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Ciências Médicas
Maristella Soares dos Santos - CRB 8/8402

Santos, Sandro Rodrigues dos, 1973-
Sa59v A vivência de relações construídas entre mestres e alunos de capoeira e o
enfrentamento de preconceitos e estigmas / Sandro Rodrigues dos Santos. –
Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Maria Aparecida Affonso Moyses.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Ciências Médicas.

1. Adolescência. 2. Estigma social. 3. Preconceito. 4. Capoeira. I. Moyses,
Maria Aparecida Affonso, 1949-. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Titulo em outro idioma: Inglês

Palavras-chave em inglês:

Adolescence

Social stigma

Prejudice

Capoeira

Área de concentração: Saúde da Criança e do Adolescente

Titulação: Doutor em Ciências

Banca examinadora:

Maria Aparecida Affonso Moyses [Orientador]

Cecilia Maria Bouças Coimbra

Carla Biancha Angelucci

Maria de Lurdes Zanolli

Ângela Fátima Soligo

Data de defesa: 22-07-2015

Programa de Pós-Graduação: Saúde da Criança e do Adolescente

BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE DOUTORADO

SANDRO RODRIGUES DOS SANTOS

Orientador (a) PROF(A) DR(A) MARIA APARECIDA AFFONSO MOYSES

MEMBROS:

1. PROF(A). DR(A). MARIA APARECIDA AFFONSO MOYSES



2. PROF(A). DR(A). CECÍLIA MARIA BOUÇAS COIMBRA



3. PROF(A). DR(A). CARLA BIANCHA ANGELUCCI



4. PROF(A).DR(A). MARIA DE LURDES ZANOLLI



5. PROF(A).DR(A). ÂNGELA FÁTIMA SOLIGO



Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas

Data: 22 de julho de 2015

RESUMO

A adolescência é um período singular do desenvolvimento, em que cultura e relações sociais influenciam fortemente a formação do sujeito e papéis sociais. O propósito deste estudo é refletir sobre possibilidades de enfrentamento de preconceitos e estigmas em um grupo de adolescentes no contexto de suas relações com Mestres de capoeira. **Método:** Pela metodologia qualitativa, de estudo de caso, estudou-se um programa de ensino de capoeira para um grupo de 18 adolescentes, durante 33 encontros semanais, de 120 minutos, em um Centro Comunitário de atendimento ao adolescente na cidade de Campinas – São Paulo – Brasil, nos anos de 2011 e 2012. As atividades foram registradas por meio de videogravações e anotações em Diário de Campo. Estes registros foram analisados a partir dos temas relevantes para a pesquisa. **Resultados:** No início, foi possível identificar a emergência de preconceitos e estigmas no discurso e atitudes dos adolescentes; no decorrer dos encontros, observou-se o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento. **Conclusão:** As análises revelaram atitudes e diálogos que evidenciam um processo de mudança dos jovens em relação a diversos conceitos e preconceitos que, inicialmente, marcavam a interação e as relações entre os membros do grupo. Relações de respeito entre Mestres e alunos em uma tradição cultural como a capoeira podem favorecer o enfrentamento de preconceitos e estigmas.

Palavras chaves: adolescência, estigma, preconceito, capoeira.

ABSTRACT

Adolescence is a unique developmental stage, during which culture and social relationships strongly influence the formation of individuals and are reflected in the establishment of social roles that condition the participation of individuals in the groups to which they belong. The aim of this study was to reflect on the conditions for coping with and overcoming prejudice and stigma in a group of adolescents enrolled in a capoeira training program. **Method:** Based on qualitative research methods, a group including 18 adolescents was monitored throughout 33 120-minute weekly capoeira training sessions held at a community centre for adolescent care in the city of Campinas, São Paulo, Brazil in 2011-2012. The activities were recorded on video and in fieldwork notebooks. The records were analyzed based on the themes of interest for this study.

Results: In the earlier sessions, prejudice and stigmatization were detected in the adolescents' speech and behavior. Over time, however, the participants developed strategies for coping with and overcoming these negative influences.

Conclusion: The analyses revealed behaviors and dialogues indicative of changes in the adolescents in relation to some of the concepts and prejudices that characterized the early interactions and mutual relationships among the group members. A respectful relationship between teachers and students according to such a traditional culture, such as capoeira, seem to favor the coping with and overcoming prejudice and stigma.

Keywords: adolescence, stigma, prejudice, capoeira.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Adolescência	1
1.2. Capoeira	5
1.3. Preconceito e estigma	11
2. A PERGUNTA	17
3. MÉTODO	21
3.1. Aspectos Éticos da Pesquisa	24
3.2. Procedimentos metodológicos	25
3.2.1. Caracterização do local	25
3.2.2. Caracterização dos Participantes	25
3.2.3. Atividades Realizadas	31
3.2.4. Categorias de análise	32
4. RELATO DAS AULAS E ENCONTROS	35
5. ESTIGMAS E PRECONCEITOS. EMERGÊNCIA E ENFRENTAMENTO	101
6. RELAÇÕES ENTRE PROFESSORES E ALUNOS	113
7. PRECONCEITO, UM IDEÁRIO RESISTENTE. MAS, É NECESSÁRIO E POSSÍVEL ENFRENTAR	117
8. À GUIA DE INCONCLUSÕES	127
REFERÊNCIAS	129
ANEXO:	139

DEDICATÓRIA

A meu filho Bernardo, por eu ter descoberto o maior amor do mundo, em XXI-XII-MMXIII.

AGRADECIMENTOS

A Profa. Dra. Cida Moysés pela cumplicidade e confiança em mim depositada, desde quando iniciei o mestrado.

A amiga, Profa. Dra. Adriana Laplane, pela ajuda incondicional nas horas de aperto.

Ao meu compadre Fabinho, por migrar, algumas vezes, da engenharia à pesquisa qualitativa para ajudar um amigo.

Ao Núcleo, por abrir a porta para esta pesquisa.

A minha família querida, Mãe, Pai e Mel, por viverem comigo as dores e alegrias desta difícil etapa.

A minha esposa, amiga, companheira, exemplo, Tathiane, por nunca deixar-me esmorecer em tantas vezes que pensei em desistir. Te amo!

1. INTRODUÇÃO

O estudo das influências das relações sociais vem crescendo, relatando importantes conceitos e benefícios no desenvolvimento dos seres humanos. Essa relação é especialmente relevante quando associada à infância e adolescência, fases de importância singular na referência a aspectos biológicos e socioculturais do desenvolvimento (Santos, 2010; Falkembach et al., 2007; Silva & Aranha, 2005).

Na adolescência, as interações sociais transcendem o âmbito familiar e passam a ocorrer, com maior frequência, em espaços sociais distintos. Nesses novos grupos, a questão do preconceito passa a ser mais evidenciada e vivenciada em diversos aspectos: étnicos, históricos, culturais, sociais, entre outros, assumindo grande importância na formação do indivíduo.

Segundo Santos (2010), projetos educacionais que visem a ampliação das relações sociais, a participação em grupo, o contato com adultos e a aprendizagem, podem contribuir de forma ímpar no processo de desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Este estudo, por meio de uma atividade vinculada às tradições culturais da população brasileira, a capoeira, reflete sobre as questões relativas ao enfrentamento e superação de preconceitos, estigmas e medos.

1.1. Adolescência

A discussão da adolescência deve, inicialmente, levar em conta dois aspectos essenciais: a biologia e a cultura (Gallahue & Ozmun, 2002). Se pelo lado biológico, com o passar dos anos, a puberdade (início da maturação sexual que marca a transição da infância para a adolescência), tem aparecido mais precocemente (Sorensen et al., 2012), pelo lado cultural, os “anos adolescentes” vêm se alongando, de modo que o final da adolescência e início da idade adulta (marcado pela independência financeira e emocional) vem-se tornando mais tardia nos últimos cinquenta anos (Gallahue & Ozmun, 2002).

Tourinho Filho & Tourinho (1998) destacam que devemos levar em conta diferenças entre aspectos das idades cronológica e biológica dos adolescentes. A idade cronológica é estabelecida pela diferença da relação entre um dado dia e a data do seu nascimento; nesse contexto, Gallahue (1989) descreve a adolescência no período entre 10/11 a 20 anos. Por outro lado, a idade biológica é discutida por Tourinho Filho & Tourinho (1998), como correspondente ao nível de maturação dos diversos órgãos que compõem o ser humano, podendo ser determinada nos jovens pela maturação esquelética e pelo desenvolvimento das características sexuais secundárias, possibilitando basicamente a formação de três grupos: pré-púbere, púbere e pós-púbere.

A consideração da idade biológica torna-se extremamente relevante, principalmente no que se refere à prescrição e prática de exercícios físicos para a criança e o adolescente, pois para Tourinho Filho & Tourinho (1998), ela possibilita:

(...) distinguir, de forma mais clara, as adaptações morfológicas e funcionais resultantes de um programa de treinamento das modificações

observadas no organismo, decorrentes do processo de maturação, principalmente intensificado durante a puberdade (pag.73).

A adolescência é marcada, entre outras coisas, por aumento acelerado do peso e estatura, aparecimento de características sexuais secundárias, e desenvolvimento psíquico e cognitivo marcado por labilidade, comportamentos disruptivos, autoimagem em constante transformação, intensa pulsão de vida. A qualidade de vida (ou a falta de) terá influência marcante em todos esses processos. Mesmo na estatura, em que a determinação genética é mais importante, pode-se identificar a relevância do ambiente no fenótipo final (Gallahue & Ozmun, 2002).

A puberdade, marcada nas meninas pela menarca (primeiro fluxo menstrual) e nos meninos pela primeira ejaculação, evento muitas vezes menos marcante que a menarca; a puberdade é afetada por inúmeros fatores, inclusive ambientais, como estresse, estado nutricional, metabolismo, condição geral de saúde, influenciando época de início e duração. (Gallahue & Ozmun, 2002).

Eduardo & Egry (2009) questionam algumas concepções de fixidez e imutabilidade geradas por um paradigma biologizado e biologizante, que subordina questões psicológicas e socioculturais a uma definição universal e genérica da adolescência, sem considerar o momento histórico das sociedades em que estão inseridos os adolescentes. Esses autores enfatizam a compreensão dessa fase da vida, como marcada por instabilidades e relacionada a questões sociais e culturais. Entretanto é importante destacar ainda que existem várias adolescências, em decorrência da desigualdade em que se funda a sociedade. A adolescência

vivenciada por um jovem de classe media não é igual à vivenciada por um jovem das classes desfavorecidas.

Discutir adolescência e adolescente no Brasil remete diretamente ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), estabelecido em 1990, que assume a necessidade e importância de uma condição diferenciada de desenvolvimento para o adolescente e preconiza como direito a garantia de acesso à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à cultura, aos esportes, à profissionalização, à dignidade, ao respeito, à convivência familiar e comunitária. Dessa maneira, torna o Estado, a família e a sociedade responsáveis diretos pela proteção integral da criança e do adolescente, tendo como dever garantir os direitos do jovem.

O texto das “Orientações Curriculares para o Ensino Médio”, elaborado pela Secretaria de Educação Básica do MEC, discute a adolescência no âmbito de sua trajetória histórico-cultural (BRASIL, 2006). Esse documento reconhece a juventude como parte de processo mais amplo de constituição dos sujeitos, visando entender a pluralidade e as adversidades que envolvem a vida juvenil e atribuindo à escola a necessidade de conhecer e reconhecer o contexto e a realidade da aprendizagem social de seus alunos, tanto interna quanto externamente à instituição.

Assim, torna-se relevante a consideração da adolescência como um período singular na formação do sujeito, não somente nos aspectos biológicos, mas principalmente a partir de sua própria história sociocultural, por meio de políticas públicas individualizadas, cuidados adequados e um tratamento peculiar, voltado a suas necessidades e possibilidades.

Nessa fase da vida, consolidam-se mais fortemente modos de pensar a vida, as pessoas; modos de agir e reagir; modos de sentir e vivenciar situações de conflito e de afeto; modos de enxergar o outro, as diferenças, as desigualdades. Consolidam-se, enfim, modos de viver a vida, utilizando a expressão de Canguilhem (1995). Nessa idade, também os preconceitos tendem a se fortalecer e cristalizar, sendo uma época propícia para seu enfrentamento e superação, colocando o adolescente em contato com o outro, com o diferente, com o estigmatizado, dando-lhe condições de rever seus próprios conflitos, seus preconceitos e constituir novos modos de se pensar e de pensar o outro.

1.2. Capoeira

A origem da capoeira ainda é muito discutida por pesquisadores. Vieira & Assunção (1998) relatam várias controvérsias a esse respeito. Segundo eles, tais mitos ganharam força por interesses políticos, culturais e particulares, perdurando até hoje.

As primeiras referências efetivas da capoeira provêm do início do século XIX, no Rio de Janeiro, quando a palavra “capoeira” foi utilizada para designar tanto um conjunto de técnicas de combate com pernas, cabeça e armas brancas, quanto um grupo de arruaceiros que se opunham à polícia e às leis (Vieira & Assunção, 1998). Outros aspectos importantes referentes à origem e história da capoeira, são abordados por outros autores. Capoeira (1999) afirma haver evidências

consistentes de que seja uma criação dos africanos e seus descendentes, independentemente de ter sido criada na África ou no Brasil.

Desta maneira, a Capoeira já é marcada, em sua própria essência, como uma prática de negros, desqualificável e marginalizada, e carrega, até os dias de hoje, esse estigma. Apesar de suas relativas conquistas, ainda sofre, em muitos aspectos, com os preconceitos oriundos do tempo da escravidão e do racismo.

Durante os anos 1930, Manoel dos Reis Machado, o Mestre Bimba, desenvolveu importantes ações no sentido de desvincular a imagem da capoeira da marginalidade. Mestre Bimba formalizou o ensino da capoeira, através de um método baseado em oito sequências de golpes e movimentos, fundou a primeira academia da modalidade, estipulou regras e regulamentos de conduta aos capoeiristas, introduziu o uniforme e as graduações, entre outras ações (Deputado, 2004).

Se por um lado, isso ajudou a desmarginalizar a modalidade, por outro se rendeu às exigências do sistema e contribuiu para abrir o caminho para sua institucionalização e cooptação. Tanto que em 1934, o então presidente do Brasil Getúlio Vargas, que já conhecia Mestre Bimba, anulou o Decreto que proibia a prática da capoeira e de cultos afrodescendentes (Capoeira, 1999). Nessa época, iniciou-se a difusão da capoeira por todo o território nacional; a partir de 1970, passou a ser ensinada também no exterior.

Hoje, a capoeira vem ganhando espaço e tornando-se importante meio de trabalho nas áreas da saúde e educação, estando cada vez mais presente em ambientes antes inimagináveis como entidades sociais, escolas, universidades e

hospitais. Nesse contexto, importantes trabalhos vêm sendo desenvolvidos com pessoas idosas, portadores de necessidades especiais, pessoas em situação de risco, crianças, jovens e adolescentes, entre outros.

No Distrito Federal, a capoterapia, (atividades terapêuticas fundamentadas na capoeira) incorporou-se ao Programa “Vida Saudável”, projeto do Ministério dos Esportes voltado para a terceira idade. Segundo seu idealizador, Mestre Gilvan, esse tipo de atividade, diferentemente dos tratamentos convencionais, concilia a atividade física com práticas lúdicas como o canto, a brincadeira de roda e a integração grupal. Participantes do projeto relatam muitos benefícios, ressaltando diminuição de dores osteoarticulares, melhora da autoestima e da disposição geral, redução de medicamentos (Capoeira em evidência, 2006).

Relevantes trabalhos com portadores de deficiências vêm sendo descritos; na APAE de Guaratinguetá-SP, é desenvolvido um projeto de capoeira visando o desenvolvimento global da criança com diagnóstico de deficiência intelectual. Em função dos resultados, o projeto foi ampliado para pessoas com deficiência visual, auditiva ou física (Cunningham, 1998). Coelho (1998) relata um estudo com um grupo de sete jovens com deficiência visual e idade entre 12 e 22 anos, no qual a capoeira foi utilizada para melhorar algumas das principais dificuldades encontradas por essa população. Após quatro meses de trabalho, o autor observou alterações físicas, melhoria da postura, alterações cinéticas (equilíbrio, coordenação, capacidade de locomoção) e desenvolvimento da autoestima. Santos (2010), em pesquisa qualitativa, acompanhou a implementação de um projeto de ensino da capoeira a sete crianças com diagnósticos variados de deficiência. A pesquisa

apontou contribuições para o desenvolvimento global das crianças (sociocultural, cognitivo e motor), principalmente em relação a aprendizagem, formas de atuação do professor, relações sociais e redução da estigmatização dessas crianças.

Lima (2001) apresentou uma associação de capoeira do Distrito Federal estruturada para estimular a prática da capoeira e promover a inserção social. A associação, com apoio do poder público e da iniciativa privada, prioriza trabalhos com jovens fora da escola e do mercado de trabalho. Na antiga penitenciária do Carandiru, houve outra manifestação positiva da capoeira, com trabalho baseado no aperfeiçoamento técnico dos detentos que já haviam praticado essa modalidade. O principal objetivo do projeto consistia em torná-los novos profissionais da modalidade, tanto dentro quanto fora da Casa de Detenção, ampliando assim seus horizontes no mercado de trabalho (Capoeira Negro 100 por cento, 2001).

Lório & Darido (2005) destacam, ainda, que a capoeira apresenta importantes componentes a serem trabalhados por crianças e jovens em idade escolar: a música e seus instrumentos, sua história, suas tradições e cultura, estilos e rituais, o jogo, a roda. Esses componentes, segundo Falcão et al. (2005), facilitam o improviso, alimentam a imaginação, despertam o desafio, o medo e a alegria e geram trocas afetivas entre os participantes.

Em todo o mundo, vários autores (Almeida, 1986; Pinto, 1991; Araújo, 1997; Downey, 2002; Downey, 2005; Delamont, 2006; Stephens & Delamont, 2006; Delamont & Stephens, 2008) destacam, entre outros aspectos, a importância da música, da cultura, da história e da corporalidade na capoeira.

Assim, a capoeira é uma tradição cultural, que integra história, cultura e atividade física; além disso, é uma atividade bem aceita por jovens e adolescentes e está inserida no contexto da cultura nacional. Assim, em determinadas situações, pode se constituir como uma importante ferramenta de trabalho.

A capoeira, unindo atividade física, música, história, cultura, pode ser um excelente meio de inserção de pessoas – negras e brancas – na cultura afro.

Apesar de todas essas evidências, a capoeira ainda é estigmatizada por muitas pessoas que desconhecem ou ignoram sua história, sua cultura, sua contribuição à saúde geral do ser humano, seja como tratamento, profilaxia ou lazer. Ainda na atualidade, essa genuína manifestação cultural nacional sofre com os estigmas e preconceitos, referentes a etnia, participação de mulheres e de crianças e mesmo com a associação à marginalidade.

O parágrafo anterior deve ser reescrito:

“Exatamente por ser uma expressão da cultura afro, a capoeira ainda é estigmatizada por muitas pessoas que desconhecem ou ignoram sua história, sua cultura, sua contribuição à saúde geral do ser humano, seja como tratamento, profilaxia ou lazer. Ainda na atualidade, essa genuína manifestação cultural nacional sofre com os estigmas e preconceitos, referentes a etnia, participação de mulheres e de crianças e mesmo com a associação à marginalidade.”

Para um entendimento inicial de como o racismo se alicerçou na ciência, com discursos de cientistas – inclusive brasileiros – justificando e disseminando o

racismo, indicamos três livros: “Not in our genes. Biology, Ideology, and Human Nature” (1984), de Richard Lewontin (geneticista evolucionista), Steven Rose (neurobiólogo) e Leon J. Kamin (psicólogo); “A Falsa Medida do Homem”, de Stephen Jay Gould (1991), renomado geneticista evolucionista e “O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil do século XIX” (1993), de Lilia Schwarcz.

A genética derrubou definitivamente toda tentativa de enraizar o racismo em terreno científico. Sintetizamos esse avanço na frase de Lewontin, Rose e Kamin (1984): “A diferenciação ‘racial’ na espécie humana tem, na verdade, apenas a profundidade da pele. Qualquer uso de categorias raciais deve tomar suas justificações de outra fonte que não a biologia.” (op.cit., p. 127; tradução pessoal).

Apesar disso, apesar dos avanços da ciência desconstruindo alicerces dos preconceitos, o racismo continua presente e persistente nos dias atuais. Nota-se em situações cotidianas que os racistas parecem ter perdido o pudor, e escancaram aberta e agressivamente seu ódio, como mais uma expressão dos microfascismos que invadem nosso cotidiano. Essas agressões também têm sido dirigidas a manifestações da cultura afro, como o samba, o candomblé e a capoeira, entre outros.

No período compreendido entre 2008 e 2010, o autor deste projeto desenvolveu sua pesquisa para a Dissertação de Mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente da UNICAMP, defendida em janeiro de 2010, intitulada “Capoeira para crianças com necessidades educativas especiais: um estudo de caso”. Essa pesquisa foi desenvolvida com um grupo de crianças e jovens portadores de

deficiências, em que vivenciaram um projeto de ensino de capoeira durante um período de seis meses. A partir da análise das aulas filmadas, foram observadas importantes contribuições para o desenvolvimento global dos participantes, incluindo aspectos neuromotores, afetivos, sociais, educativos e culturais. (Santos, 2010).

No decorrer do trabalho de campo, surgiram indícios que extrapolavam a pesquisa original, sendo percebidas inúmeras evidências de que essas crianças e jovens viviam e sofriam com a estigmatização, isto é, o outro lado do preconceito. Em outras palavras, quem sofre o preconceito, vive o estigma. (Goffman,1975) Talvez a vivência de uma atividade marginalizada, porque estigmatizada, - a capoeira - tenha contribuído para que aflorassem, mais facilmente, as manifestações dos significados de sofrer preconceitos e viver estigmas. É neste terreno que surgem as perguntas que originam este projeto, que busca analisar as potencialidades da capoeira para, a partir da manifestação de afetos e pensamentos cristalizados, mediar em adolescentes processos de enfrentamento de medos e preconceitos.

Conhecer a origem, a história, as tradições da capoeira remete diretamente à questão do preconceito e do estigma, criando possibilidades de trabalhar outros preconceitos que permeiam modos de pensar e de agir da pessoa.

1.3. Preconceito e estigma

“No ocidente, até o advento da revolução burguesa, as sociedades eram assumidamente constituídas a partir da desigualdade entre os homens. Divididos em castas e estamentos rígidos, sem qualquer mobilidade, essas sociedades explicavam-se pela herança divina; regiam-se pelo direito divino, na justificativa da desigualdade. A revolução burguesa surge em oposição a essa forma de organização social, tendo por bandeira o conceito de cidadania, que pressupõe a igualdade entre todos os homens, tornados cidadãos. Ao direito divino, contrapõe-se o direito dos homens. Com a adesão dos “sans-culotte”, luta-se por uma sociedade fundada na igualdade; muito cedo, porém, essa nova forma de organização das relações sociais irá revelar-se como ainda baseada na desigualdade, embora se afirme como igualitária.” (Moysés, 2001 p. 131)

Uma sociedade construída no discurso da igualdade, porém fundada na desigualdade de fato, necessitará justificar as desigualdades.

Para Heller (1989), os preconceitos, enquanto forma de pensamento disseminada na vida cotidiana, cumprem essa função. Os preconceitos, em sua maioria, referem-se a questões de classe social, etnia e gênero; ao discriminarem as chamadas *minorias*, constroem o ideário de que sua exclusão é devida a *defeitos* inerentes a elas. Sua capacidade de persuasão, de infiltração nas formas de pensamento da vida cotidiana, é tão intensa que os próprios discriminados tendem a crer nos preconceitos que os discriminam. Destinados ao ocultamento e mascaramento da realidade social, servem de instrumentação da dominação.

Agnes Heller é considerada um dos autores que, no campo da filosofia, mais aprofunda as reflexões sobre a vida cotidiana e os preconceitos.

Heller (2000) discute o preconceito como categoria do pensamento e do comportamento cotidiano. De acordo com a autora, uma “*ultrageneralização*” é inevitável na vida cotidiana, pois nossas atitudes são baseadas em avaliações probabilísticas; por outro lado, a ultrageneralização também constitui um juízo provisório, pois existe antes que se torne necessária pelas exigências da vida empírica; não apenas antecede e é independente da vida real, como nem sempre é testado pela vida, no infinito processo da prática. Uma característica fundamental do juízo provisório reside em sua transformação no confronto com a vida empírica. Nesse confronto, um juízo provisório pode ser confirmado ou ser negado e se se modifica, deixa de ser juízo provisório para se tornar um saber, porque constituído a partir da vivência real. Porém, uma pessoa pode ter juízos provisórios sobre alguma coisa e viver toda sua vida sem jamais ter tido a oportunidade ou necessidade de confrontar esse modo de pensar com a vida real; aí, ele permanecerá como juízo provisório até o fim, por jamais ter enfrentado o embate com o empírico.

É importante destacar que a imensa maioria dos juízos provisórios não são individuais, mas coletivamente construídos, sendo um sustentáculo ideológico das formas de organização das sociedades.

O preconceito, segundo Heller (2000), é um tipo particular de pensamento que, embora inicialmente possa ser confundido com um juízo provisório, por ser anterior e independente do contato com o empírico, se caracteriza por sua rigidez e imutabilidade frente às sucessivas negações nos inúmeros embates com a vida empírica. Essa impermeabilidade ao confronto com o real é uma característica

marcante sua. “Os juízos provisórios refutados pela ciência e por uma experiência cuidadosamente analisada, mas que se conservam inabalados contra todos os argumentos da razão, são preconceitos.” (pag. 47).

Ao tratar a questão da estigmatização, Teixeira (2009) destaca que o ambiente e a cultura devem ser enfatizados ao se falar da discriminação antecipada. Em seu artigo, a autora discute a relação da esquizofrenia e do estigma e afirma que “Adicionalmente, culturas diferentes têm atitudes diferentes em relação à saúde mental” (Teixeira, 2009, p.359).

Ainda segundo Bastos et al. (2010), o preconceito e a discriminação passaram, a partir do século XX, a ser compreendidos como importantes fatores na produção de doenças e no acirramento das iniquidades em saúde.

Heller (2000) discute o papel do preconceito na legitimação das desigualdades, papel especialmente importante a partir da revolução francesa, quando as sociedades ocidentais assumem o discurso da igualdade, embora continuem fundadas na desigualdade. Para manter a coerência do discurso, será necessário justificar a existência de desigualdades, o que será feito pelos preconceitos que, em sua quase totalidade, abordam questões referentes a etnias, gênero e inserção social; não por acaso, residem exatamente aí as maiores desigualdades.

Para Heller (2000) também os preconceitos não são constituídos individualmente, mas sim coletivamente, sendo ainda mais fortemente que os juízos provisórios um alicerce fundamental da ideologia dominante.

O estigma, como verso do preconceito, constitui categoria teórica de extrema importância para este projeto. Ewing Goffman, cientista social, é um dos autores mais respeitados entre os que estudaram esse tema.

Na Grécia antiga, a palavra estigma referia-se a sinais físicos, marcas corporais feitas em pessoas, para tornar reconhecíveis os que possuíam características morais consideradas ruins, indesejáveis. Os estigmas, cortes e queimaduras, feitos a ferro e fogo, denunciavam os escravos, criminosos, traidores, pessoas ritualmente poluídas com quem se devia evitar contato. Na atualidade, a palavra estigma é aplicada a três condições: as deformidades físicas, as culpas de caráter individual - vontade fraca, paixões não naturais, desonestidades, crenças falças e rígidas; e os estigmas tribais de raça, nação e religião. Em todos os três sentidos possíveis, assim como no uso original dos gregos, encontra-se uma identidade sociológica.

Um indivíduo que poderia ser facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente a que havíamos previsto. (Goffman, 1975, p.14)

A partir da estigmatização, as pessoas assim marcadas passam a receber um tratamento diferente do que é dirigido aos *normais*, como se isso fosse absolutamente natural.

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, base nisso, fazemos vários tipos

de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. (Goffman, 1975, p.15)

Para Moysés (2008), uma diferença em relação ao padrão, diferenças já acordadas como negativas, transformam totalmente as relações, como se realmente permitissem prever/identificar pessoas ritualmente poluídas.

2. A PERGUNTA

A partir de minha Dissertação de Mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente, em que trabalhamos a modalidade como ferramenta de inclusão, desenvolvimento e análise para crianças com necessidades especiais, surgiu a ideia de estudar as potencialidades de uma atividade vinculada às tradições culturais da população e estigmatizada, especificamente a capoeira, para mediar o enfrentamento e superação de preconceitos, estigmas e medos.

Iniciei minha trajetória na capoeira aos seis anos de idade, justamente com o mesmo Mestre, com quem hoje, 35 anos depois, divido as aulas neste estudo; neste tempo, passei por inúmeras experiências que contribuíram de maneira impar para o propósito desta pesquisa. Naquela época, quando, por vontade própria, me iniciava na arte, transição dos anos 1970 e 1980, a capoeira ainda era perseguida e estigmatizada como “coisa de preto pobre”; meu pai teve grande dificuldade para encontrar algum lugar em que eu pudesse aprender, até que casualmente encontrou esse Mestre; porém, ainda tive que esperar um tempo para começar, até completar seis anos de idade, pois não havia outra criança com idade próxima que frequentasse a academia.

Inicialmente, alguns amigos zombavam do esporte escolhido, outros nem conheciam. E lá estava eu, sempre com um outro amigo que apareceu, o Bonzinho, no meio dos grandões e vencendo barreiras e preconceitos. Lá, vi muita coisa, inclusive jogo se transformar em briga, com golpes certos e agressivos e suas

consequências; as primeiras mulheres aparecendo aos poucos e sofrendo muita discriminação. Mas o Grupo seguia firme, superando barreira a barreira, como é do feitio guerreiro e batalhador de meu Mestre.

Mais tarde, quando a capoeira já era vista com outros olhos e tinha até certo glamour por ser uma luta perigosa e potente, vi novas barreiras serem quebradas: os primeiros amigos migrarem ao exterior, muitos de forma clandestina para poderem divulgar e ensinar nossa arte; a capoeira ganhando as instituições de ensino, escolas e universidades; vencida a barreira da aceitação de mulheres e crianças na capoeira, vivenciei a ruptura de outros paradigmas, por idosos e pessoas com necessidades especiais tornando-se capoeiristas, dentro de suas possibilidades.

Ao decidir realizar minha Dissertação de Mestrado utilizando a capoeira em crianças com necessidades especiais, em um grupo de crianças com uma gama bastante ampla de deficiências em sua diversidade, intensidade e gravidade, enfrentei dificuldades, desconfianças e preconceitos.

Neste momento, o preconceito com aquelas crianças era tão grande que fazia quase desaparecer o preconceito com a modalidade. Como poderia uma criança com Paralisia Cerebral, ou com deficiência visual, ou com calcificações cerebrais, ou hidrocefalia, ou mesmo com dificuldades de aprendizagem segundo a escola regular, jogar capoeira? E elas jogaram... Com seu máximo possível de habilidade e maestria e junto com toda a galera dita “normal”, receberam suas

graduações, jogaram, brincaram, se divertiram, aprenderam e acima de tudo ensinaram.

No contexto atual, desta pesquisa aqui apresentada, pretendo refletir sobre dificuldades, medos, preconceito, estigma no campo das relações sociais, norteados pela pergunta que a origina:

A vivência de relações construídas entre Mestres e alunos de capoeira pode colaborar no enfrentamento de estigmas e preconceitos?

3. MÉTODO

Esta pesquisa será desenvolvida com base na metodologia descritiva qualitativa, na modalidade de estudo de caso, com foco na observação participante de um grupo de adolescentes.

Lüdke & André (1986) caracterizam o estudo de caso qualitativo por se basear em um plano aberto e flexível, favorecendo a descoberta e a aproximação com pensamentos e emoções; desenvolver-se na situação natural, em que os eventos acontecem; usar linguagem acessível; ser rico em dados descritivos e valorizar os diferentes pontos de vista presentes numa situação social.

O método de observação é bastante usado no estudo das interações humanas. Dessen & Murta (1997) relatam que, nesse contexto, certas situações dificilmente seriam conhecidas por meio de outros métodos. Queiroz et al (2007), define a observação participante como:

(...) uma das técnicas muito utilizada pelos pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação (p.278).

O estudo de caso constitui um método de pesquisa qualitativa que busca a aproximação com os modos de pensar e de sentir que um grupo de pessoas constitui em determinada situação; nesta pesquisa, o caso em estudo é a vivência de relações entre Mestres de capoeira e aprendizes; investigamos as vivências, mediadas pela capoeira, de um grupo de adolescentes colocados em contato com situações de enfrentamento de medos, estigmas e preconceitos surgidas no próprio grupo no decorrer das aulas, ou discutidas a partir de temáticas aguçadas pelos professores.

Uma característica fundamental da pesquisa qualitativa, que a distingue da pesquisa quantitativa, é que ela não deve e não pode ser previamente planejada em seus mínimos detalhes. Planeja-se de onde e como começar; a partir daí, o caminho-método passará a ser construído conforme se caminha, pois é impossível prever o que se encontrará no campo de pesquisa. A cada observação, a cada indício encontrado, abrem-se novas possibilidades de investigação, novos olhares se constroem. É importante frisar que, ao contrario do que possa parecer, isto exige ainda maior rigor metodológico e científico do pesquisador. Busca apreender processos que ocorrem na vida cotidiana e não construir generalizações, valorizando as singularidades e não a repetitibilidade, somente pode definir como será iniciada; a partir desse momento, trabalhará com pistas, indícios, sinais que geralmente passam despercebidos ou são negligenciados valorizando as argumentações de pormenores, que em outros tipos de estudos, podem ser apontados como negligenciáveis (Goes, 2000).

Isso não significa fazer qualquer coisa, um “vale tudo”, muito menos ausência de método ou de rigor científico, como tendem a acreditar pesquisadores que desconhecem a metodologia de pesquisa qualitativa. Pelo contrário. Exige do pesquisador grande rigor metodológico e firme postura ética.

Esse método de pesquisa foi sistematizado por Carlo Ginzburg (1989), que o denominou de Paradigma Indiciário e que destaca as raízes de um saber que se constrói por indícios, valorizando as argumentações de pormenores, que em outros tipos de estudos, podem ser apontados como negligenciáveis (Goes, 2000). Esse paradigma contesta alguns pressupostos da ciência moderna, como o desprezo pelo individual, a busca por leis universais, a crença na transparência da realidade, a separação entre sujeito e objeto, e o conhecimento sistematizado com regras formais, questionando, assim, essa racionalidade (Ginzburg, 1989).

A pesquisa que busca apreender e compreender processos e fenômenos que regem e permeiam a vida cotidiana, em aproximação com a constituição das “verdades individuais”, daquilo que é verdadeiro e relevante para cada pessoa ou para um grupo, somente pode se desenvolver usando um rigor metodológico bem definido e apropriado para o objeto de pesquisa em questão.

Em situações como essas, o rigor flexível (se nos for permitido o oximoro) do paradigma indiciário mostra-se ineliminável. Trata-se de formas de saber tendencialmente *mudas*, suas regras não se prestam a ser formalizadas nem ditas. (Ginzburg, 1989, p.179)

Assim, o pesquisador pode, partindo de pistas e sinais muitas vezes negligenciados, constituir mosaicos que permitam decifrar a realidade.

Se as pretensões de conhecimento sistemático mostram-se cada vez mais como veleidades, nem por isso a idéia de totalidade deve ser abandonada. [...] Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la. (Ginzburg, 1989, p.177)

O Paradigma Indiciário constitui o alicerce epistemológico que sustenta, teórico-metodologicamente, a pesquisa qualitativa.

3.1. Aspectos Éticos da Pesquisa

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) sob o protocolo no. 631/2010.

Os pais ou responsáveis pelos jovens assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em Anexo).

Todos os nomes dos adolescentes e Mestres são fictícios.

3.2. Procedimentos metodológicos

3.2.1. Caracterização do local

O estudo foi realizado com um grupo de adolescentes, moradores de um bairro da periferia de uma cidade do interior do estado de São Paulo, Brasil, que participavam de atividades físicas, culturais e educacionais em um Centro Comunitário de Atendimento, que tem como objetivo manter jovens fora da rua e do contato com as drogas e com a marginalidade, nos horários em que não estão na escola. As atividades ocorreram no estacionamento do Centro, no pátio coberto, salas de aula e em locais externos para apresentações e eventos.

3.2.2. Caracterização dos Participantes

A amostra foi composta por 18 adolescentes do sexo masculino, com idades entre 10 e 14 anos. Embora do ponto de vista da classificação formal de infância e adolescência, o grupo fosse composto por crianças e adolescentes, neste trabalho me referirei a eles sempre como jovens ou adolescentes, pois em todo o período em contato com eles, eu conseguia claramente perceber que, quando em grupo, se comportavam como um coletivo de adolescentes, sumindo as diferenças etárias.

Muitos dos jovens relataram, durante os encontros, que antes de frequentar o Centro Comunitário, tiveram experiências com o trabalho precoce

(limpador de piscina, vendedor de tomate, tapioca, rosas e balas em semáforos e guardadores de carro). Durante as aulas, os discursos e gestos dos participantes evidenciaram a discriminação contra a mulher, com frases como: “– *Mulher tem que fazer unha e costurar, os homens jogam futebol e Capoeira*” e a resistência para incluir meninas no grupo. A linguagem típica da periferia e as citações de calibres de armas de fogo, por exemplo, mostram a proximidade com o crime e a violência na região onde vivem; aliás, estes jovens mostravam sua nítida preferência pela vertente da capoeira como luta corporal – em minha experiência como professor de Capoeira, uma característica incomum em jovens da mesma idade, mas com outras pertenças sociais – indiciando um modo de lidar com a agressividade e a violência constituído socialmente. No decorrer das aulas, a destreza física e o vasto vocabulário motor adquirido e treinado espontaneamente, desde cedo, nas ruas da comunidade, vão se evidenciando e certamente facilitam a prática do esporte em questão.

As aulas foram ministradas por dois Mestres: o próprio pesquisador e um dos precursores da Capoeira na cidade. Que inclusive ensinou a modalidade ao pesquisador durante vinte anos. Todas as aulas foram filmadas por um cinematografista amador.

Dezoito jovens participaram efetivamente das atividades, com frequência mínima de 75% nas aulas, enquanto outros jovens participaram irregularmente. Neste trabalho, o grupo de sujeitos pesquisados é constituído pelos 18, brevemente apresentados a seguir.

Todos eram morenos, com tons de pele e cabelos cobrindo praticamente toda a gama de cores de pele observadas na população brasileira. Nenhum era negro. Nenhum era loiro.

Na avaliação dos jovens, foram feitas medidas antropométricas, que, embora não discutidas neste trabalho, são também incluídas na apresentação de cada adolescente. Como a capoeira envolve e exige o domínio do próprio corpo, aliás envolve o prazer do domínio do próprio corpo, apresentar tais medidas pode facilitar ao leitor uma rápida e superficial visualização de suas proporções corporais.

Adriano: na capoeira, **Alambrado**; onze anos; participativo e sociável nas atividades, com o grupo e professores, boa destreza física; estatura: 140,5 cm, peso: 30,40 kg, percentual de gordura: 9,56%.

André: ainda sem apelido na capoeira; dez anos; muito participativo e excelente relação social com os professores e com o grupo, boa destreza física e aptidão para a prática da modalidade. Destacava-se nas atividades da escola regular; entrou no grupo após alguns meses, não participou da avaliação física, tinha baixa estatura e baixo peso.

Carlos: na capoeira, **Mãozinha**; treze anos; participação, sociabilização e destreza física crescente no decorrer das aulas, tinha boa relação com os líderes do grupo; estatura: 159 cm, peso: 50,70 kg, percentual de gordura: 18,89%.

Daniel: na capoeira, **Alicate**; irmão de Paulo e de Jefferson; onze anos; muito participativo nas atividades práticas e boa relação social com o grupo e professores, um dos mais hábeis para a prática da capoeira, e, participação com

destaque em outras atividades esportivas do Centro; apesar de ser um dos mais baixos, não era alvo de agressões e gozações, sendo muito respeitado pelo grupo; estatura: 139,5 cm, peso: 35,20 Kg, percentual de gordura: 9,57%.

Fernando: na capoeira, **Formigão**; dez anos; ótima participação e relação social com professores e com o grupo. Excelente destreza física e aptidão para a prática da modalidade, juntamente com Daniel, seu melhor amigo, destaca-se na prática dos movimentos específicos da capoeira e por também não ser alvo de agressões e gozações; estatura: 140,5 cm, peso: 29,20 Kg, percentual de gordura: 8,81%.

Gustavo: ainda sem apelido na capoeira; quatorze anos; participativo, boa relação social com o grupo e professores, porém mais inibido e reservado nas relações sociais; estatura: 159 cm, peso: 54,70 Kg, percentual de gordura: 21,03%.

Jefferson: na capoeira, **Minhoca**; irmão de Daniel e de Paulo; doze anos; muito participativo e interessado nas atividades, ótima relação social com o professor, diferente do histórico das relações com os professores da escola regular. No grupo tenta se impor pela estatura e força, principalmente sobre os mais baixos; estatura: 155,5 cm, peso: 47,50 kg, percentual de gordura: 10,70%.

Jessé: ainda sem apelido na capoeira; doze anos; participativo nas atividades, porém um dos jovens mais tímidos e introspectivos do grupo; estatura: 146 cm, peso: 38,80, percentual de gordura: 13,66%.

Joel: na capoeira, **Capacete**; irmão de Thales, o Tonelada; dez anos; genioso e dificuldade na relação e participação quando contrariado ou quando é

alvo de brincadeiras, ótima aptidão física e destreza para a modalidade e outras atividades esportivas do grupo; estatura: 137 cm, peso: 37,40 kg, percentual de gordura: 14,73%.

Kelmer: ainda sem apelido na capoeira; onze anos; pouco participativo em atividades de exigência física, pouca interação com os professores e com o grupo, sua relação social era mais próxima com Marcelo; estatura: 153 cm, peso: 54 Kg, percentual de gordura: 15,75%.

Leonardo: ainda sem apelido na capoeira; doze anos; boa participação e relação social com o grupo e professores, assim como Gustavo, mais inibido e reservado nas relações sociais, só o Thales tinha um % de gordura maior que ele; estatura: 151 cm, peso: 49,40, percentual de gordura: 21,98%.

Luan: na capoeira, **Feitor**; dez anos; muito participativo e sociável, ótima relação com os professores, perseguido nas relações com o grupo, alvo constante de brincadeira, gozações e agressões dos colegas, provavelmente por ser o menor da turma e de classe social mais elevada, ótimo aproveitamento e relação com professores e direção na escola regular; estatura: 132,5 cm, peso: 30 kg, percentual de gordura: 10,25%.

Luciano: na capoeira, **Seu Madruga**; onze anos; participativo e sociável, ótima relação com o grupo e professores; estatura: 153,5 cm, peso: 46,60 Kg, percentual de gordura: 12,75%.

Nilson: apelido na capoeira herdado do apelido que já tinha, **Nil**; doze anos; pouco participativo nas atividades da modalidade, pouca relação social com

os professores, um dos líderes e influenciadores direto do grupo, se impõe pela altura e força, mais próximo de Paulo, que possui características sociais parecidas; estatura: 158 cm, peso: 50,40 Kg, percentual de gordura: 14,74%.

Marcelo: ainda sem apelido na capoeira; onze anos; pouco participativo nas atividades da modalidade, relação social mais próxima com Kelmer; estatura: 155 cm, peso: 40,60, percentual de gordura: 10,81%.

Paulo: na capoeira, **Paiacan**; irmão de Daniel e Jefferson; treze anos; participativo nas atividades que lhe agradavam, um dos líderes do grupo e formador de opinião, maior interação social com o grupo que com os professores; estatura: 146 cm, peso: 38,60 Kg, percentual de gordura: 8,91%.

Thales: na capoeira, **Tonelada**; irmão de Joel; onze anos; participação crescente nas atividades físicas, boa relação social com o grupo, mesmo sendo constante alvo de gozações pelo peso, e ótima relação com os professores; estatura: 153 cm, peso: 70,30 Kg, percentual de gordura: 33,36%.

Vinícius: na capoeira, **Macarrão**; treze anos; faltou no dia da avaliação física, mas é caracterizado por ser o jovem mais alto do grupo e se impor pela força e altura, apresenta queixas nas relações sociais na escola regular, dificuldade nas relações sociais com o grupo e com os professores.

3.2.3. Atividades Realizadas

As atividades somaram 33 aulas semanais de capoeira durante os anos de 2011 e 2012, com duração de 120 minutos, realizadas as quintas-feiras das 14:00 as 16:00 horas. Com flexibilidade, as aulas eram divididas de seguinte maneira:

14h00 as 14h10 – Boas vindas e chamada;

14h10 as 14h20 – Revisão do conteúdo anterior;

14h20 as 14h35 – Músicas e instrumentos;

14h35 as 14h50 – Jogos, Brincadeiras e Estafetas;

14h50 as 15h00 – Alongamento e flexibilidade;

15h00 as 15h30 – Parte principal (Golpes, movimentos e sequências);

15h30 as 15h35 – Intervalo;

15h35 as 15h55 – Roda de Capoeira;

15h55 as 16h00 – Até logo.

Os encontros aconteceram da seguinte forma:

– 26 aulas no Centro, sendo 21 aulas em 2011 e 5 aulas em 2012;

- 1 apresentação interna para pais, professores e convidados, em 2011;
- 2 eventos externos (batizados e troca de cordões), um em 2011 e um em 2012;
- 2 entrevistas individuais;
- 2 discussões em roda, ambas em 2012;

Além destes encontros, posteriormente o grupo foi convidado para se apresentar em uma Roda de Capoeira no III Seminário Internacional “A Educação Medicalizada” realizado em São Paulo, em julho de 2013. Este convite e a participação só foram possíveis porque, mesmo depois de encerrada a fase de coleta de dados da pesquisa, o projeto de capoeira desenvolvido pelo autor deste trabalho continua até hoje neste Núcleo, inclusive com muitos destes adolescentes.

3.2.4. Categorias de análise

A análise dos dados iniciou com o processo de imersão do pesquisador nos vídeos das aulas e no diário de campo, lendo e relendo as anotações, assistindo cada vídeo mais uma vez e outra vez, pausando e revendo, interrompendo e continuando...

Importante destacar que esse processo foi sendo feito enquanto as aulas ainda aconteciam, permitindo inclusive o enriquecimento da atuação do

pesquisador, pela identificação de eixos e, inclusive e até especialmente, de autocríticas dos Mestres; assim, cada aula, cada encontro já acontecia em um solo preparado pelas aulas anteriores. Esta possibilidade propiciada pela pesquisa qualitativa constitui exatamente uma de suas riquezas.

Assim, muitas das categorias já foram sendo construídas pelo pesquisador no decorrer das aulas.

Nesse processo, de ampla imersão nos resultados, de modo que este autor se percebesse navegando mentalmente de um dado a outro, de uma ideia a outra, definiu-se inicialmente uma categoria de análise: “Estigmas e preconceitos. Emergência e enfrentamento”, com 05 subcategorias:

- a) Agressões
- b) Deficiências e doenças
- c) Meninos x meninas
- d) Obesidade
- e) Corpos e desejos. Poder habitar o corpo

Posteriormente, apreendeu-se que uma outra categoria diagonaliza todas as demais: Relações entre os Mestres e os adolescentes

A seguir, apresenta-se o relato cronológico das aulas e encontros que apresentaram situações relevantes para o tema desta pesquisa, para que o leitor possa apreender mais claramente os processos de mudança que foram acontecendo no grupo, os modos como se conversava sobre questões trazidas

pelos jovens do grupo, buscando desconstruir mitos e ideias infundadas, preconceituosas, e também fortalecer as percepções positivas acerca de si próprios.

Em seguida, estes dados são reapresentados não mais cronologicamente, mas de acordo com algumas subcategorias, construindo um quadro das situações mais relevantes em cada subcategoria.

4. RELATO DAS AULAS E ENCONTROS

Aula 1

No início da primeira aula, durante a realização de atividade lúdica para aquecimento, as crianças ficaram enfileiradas e de pernas afastadas, formando um “túnel” para passarem por baixo, rastejando; aí, já apareceram as primeiras manifestações de preconceitos, tanto no âmbito da relação com o corpo diferente (obeso), quanto à sexualidade/homossexualidade. No momento em que Thales, criança bem acima do peso das demais, executava a atividade, os outros participantes, que estavam em silêncio e entretidos com a brincadeira até então, começaram a rir e zombar do colega: “– *Olha o gordinho! – A baleia! – Vai entalar!*”; durante a segunda execução da atividade, quando algumas crianças “passavam pelo túnel” outras “passavam a mão na bunda” dos colegas.

A partir daí, sem expor o ocorrido e de maneira natural, os professores começaram a trabalhar jogos, brincadeiras, dinâmicas e movimentos que estimulavam o contato corporal entre os participantes e com os professores, prática essencial para as artes marciais, em que os alunos passam a conhecer e respeitar seu corpo e o do colega com noções de limitação da amplitude do movimento, mobilidade articular, alavanca de força e em relação à quebra de tabus referente a sexualidade/homossexualidade, tão evidente no grupo neste início de trabalho.

Após Thales, único obeso do grupo, receber novas gozações das outras crianças e não querer participar das atividades em que precisaria tirar a camiseta e

em que os colegas carregariam seu peso corporal, Mestre 2 explica ao grupo as vantagens e desvantagens de ser mais leve ou mais pesado na capoeira:

– *“Olha, quem é magro na capoeira vai fazer salto mortal, mas se você encostou o pé no magrinho ele cai. Já o cara que é forte, o que você chamou de gordo (para uma criança que chamou Thales assim), para mim na verdade é forte, não vai fazer tantos saltos, mas vai ter um baita golpe poderoso. E se tomar uma rasteira não vai cair tão fácil, pois terá uma base muito forte. Vamos começar a brincadeira agora!”*. A partir daí, Mestre 2 dá o apelido de Tonelada para Thales, dizendo que seu golpe tem a potência de uma tonelada.

Aula 2

Durante a segunda aula, Mestre 1 usa constantemente os mais hábeis para demonstrar os movimentos que considera corretos para o grupo e para tocar os instrumentos. Isto poderia contribuir para que os jovens com mais dificuldades técnicas, introvertidos e menos entrosados com o grupo continuassem a não participar das atividades e passassem a se desinteressar pela prática.

Neste dia, um grupo de meninas começou a executar sua primeira aula, após solicitação de Mestre 2 à direção do núcleo, por perceber que elas não haviam sido convidadas a participarem da modalidade.

No momento em que as meninas chegaram para a aula, muitos meninos opuseram-se gritando: *“– Chega! – Xôôô... Sai daqui!”*. Além disso, pediram para que os professores não as deixassem participar da aula. Durante as atividades de

alongamento, aquecimento e golpes as meninas ficavam sempre juntas, acuadas e separadas dos meninos. A falta de integração entre os meninos e as meninas era patente.

No decorrer das atividades, foram observados muitos episódios em que os jovens maiores provocavam, zombavam e agrediam os menores.

Luan, o mais baixo da turma, era o mais agredido: no início da aula, é empurrado várias vezes por Jeferson, sem motivo aparente enquanto o professor realiza a chamada; a seguir, é novamente agredido por outras crianças, recebendo tapas na cabeça e xingamentos durante a atividade com instrumentos musicais; novamente quando estão tocando instrumentos, Jeferson, dá um tapa na cabeça de Luan.

Destaque-se que, mais tarde na aula, Luan é a única criança a formar dupla espontaneamente com uma das meninas, durante as atividades de golpe. Identificação? Sentir-se incluído?

Jeferson, uma das maiores crianças do grupo, durante uma atividade lúdica com corda, não permite que os outros “batam” a corda, mesmo com vários colegas pedindo para ficar com a corda. Jeferson só permitiu após intervenção do professor.

No final da aula, Jeferson que sempre agredia e desafiava os menores, sofre um empurrão e tapas de Marcelo, único jovem maior que ele no grupo, e não reage.

Porém, durante o jogo da capoeira, ao final desta mesma aula, começam a aparecer indícios de vantagens dos menores sobre os mais altos, principalmente

em relação a habilidade, agilidade e coordenação, criando um contraponto às inúmeras agressões, xingamentos e imposições dos maiores sobre os menores.

Ainda durante a roda de capoeira, após os recorrentes episódios de xingamentos e agressão e a rivalidade e não integração com as garotas, Mestre 1 realiza jogos de capoeira entre maiores e menores, meninos e meninas, deliberadamente mesclando os grupos antagônicos, e ensina uma tradição cultural da capoeira, pedindo que ao final do jogo haja um aperto de mão ou abraço entre os participantes.

Aula 3

Na terceira aula, a direção do núcleo tomou uma atitude que provavelmente contribuiu para o crescimento do preconceito entre gêneros, solidificando ainda mais a aversão dos meninos em executar atividades com meninas e sua percepção de que eles têm mais poder e voz ativa, pois solicitaram a exclusão das meninas da capoeira e foram prontamente atendidos. Mesmo sem poder participar das atividades, algumas meninas sentam, num canto, para assistir o final da aula de capoeira e ficam batendo palmas e cantando durante o jogo dos meninos.

No decorrer das atividades os meninos conversam com Mestre 1 sobre a participação das meninas nas aulas e em outras atividades e comprovaram a emergência e crescimento deste tipo de preconceito:

(MESTRE 1): – *Cadê as meninas?*

(MARCOS): – *Era só um dia, só.*

(JEFERSON): – *Foi fazer unha!*

(MESTRE 1): – *O que você falou?*

(JEFERSON): – *Foi fazer unha... (falando mais baixo)*

(MESTRE 1): – *Por que? Mulher tem que fazer unha e homem fazer o que?*

(ALUNOS): – *Capoeira, jogar futebol... .*

(MESTRE 1): – *O que vocês acharam da participação das meninas na aula passada?*

(MARCOS): – *Péssima!*

(DANIEL): – *Chato.*

(MESTRE 1): – *Por que você achou chato?*

(DANIEL): – *Chato porque ficou muita gente e não dava pra gente fazer direito.*

(MESTRE 1): – *E você, por que achou chato?* (Mestre 1 pergunta a Marcos um dos que menos aceitavam a participação das meninas)

(MARCOS): – *Ah, porque elas... Ah, não sei.*

(MESTRE 1): – *Elas o que rapaz?*

(MARCOS): – *Ah, elas são chatas!*

(MARCELO): – *Elas ocuparam o nosso espaço!...*

(MESTRE 1): – *Mas vocês acham que mulher, elas deveriam fazer capoeira?*

(ALUNOS): – *Não!*

Algumas dinâmicas de aula de Mestre 1 provavelmente continuavam desfavorecendo o envolvimento e participação das crianças menos hábeis na modalidade; algumas vezes retirava o aluno que não conseguia executar a movimentação solicitada, ao invés de corrigir, motivar e ajudar, e chamava um outro aluno, sempre os mesmos e mais aptos, para demonstrar a “maneira correta”.

Aula 4

Na quarta aula, durante a realização da avaliação física, surgem novos indícios de fortalecimento e cristalização de preconceitos, também por um dos professores que fala perante todos os alunos e com naturalidade: “– *Cheguem pra lá, abre um espaço ai para o Gordinho sentar!*”. No decorrer da aula, durante a pesagem da avaliação física, Mestre 2 elogia Thales ao perceber que os outros jovens notaram que o peso dele é bem superior aos demais, dizendo: “– *Setenta quilos e trezentas... De pura massa muscular! Aííí garotoooooo.*”.

Enquanto as avaliações físicas eram executadas, muitos alunos demonstravam envolvimento e interesse em conhecer e discutir o que estava sendo executado durante o processo (aferição da pressão arterial e batimento cardíaco de repouso, peso corporal, estatura e % de gordura corporal). No momento em que um

dos professores aferia a pressão arterial de um aluno e falava o valor para o outro professor anotar, Daniel interessado nos valores pergunta atentamente: “– *Professor, e que número que tem que estar pra tá bom?*”, e o professor informa os valores de referência. Paulo também demonstra atenção, interesse e envolvimento, quando está sendo medida sua pressão arterial, associando os indicadores utilizados para delimitar os valores dizendo: “ – *Quando a veia do coração vai batendo, vai fazendo um barulhinho ali* (aponta o estetoscópio), *Tum-tum-tum*”. Este envolvimento nas atividades e interação com os colegas, assuntos e professores pode gerar relações, concepções e conceitos positivos e importantes para futuros enfrentamentos de medos, estigmas e preconceitos.

Durante a pesagem dos alunos, sem camisa, uma criança ao perceber que Luan tinha uma protuberância óssea anatômica na região dorsal diz: “*Olha... parece que ele tomou um tiro de doze nas costas!*”, associando ao calibre de uma arma de fogo. Este fato, traz a tona a realidade social do grupo que, se por um lado sabe associar o tamanho do orifício de uma arma de fogo, por outro não sabe o que é sedentarismo dizendo que é uma pessoa sem dente, como veremos no diálogo abaixo.

Mais à frente, após perceber que a pressão arterial de Thales, criança obesa, está mais alta que a dos demais (130 x 90 mmhg), Daniel lembra dos valores de referência citados anteriormente pelo professor e diz: “– *Tá ruim heim...*”, Mestre 2 aproveita o ensejo explicando que pode ser um valor normal para Thales, mas inicia uma interessante discussão sobre hipertensão arterial com o grupo:

(MESTRE 2): – *O que leva as pessoas a terem pressão alta, vocês sabem?*

(ARTHUR): – *Sal...*

(MESTRE 2): – *O que mais...*

(ALUNO): – *Fumar, gordura...*

(MESTRE 2): – *Quem fuma? (silêncio)... Isso... Muita gordura corporal acumulada. Então temos que nos cuidar, fazer atividade física... Quem sabe o que é sedentário?*

(ALUNO): – *Sem dente!* (Mestre 1 e Mestre 2 riem)

(MESTRE 2): – *Sedentário é o contrário de esportista, é quem fica parado em casa sem fazer nada. Ai está exposto a esse tipo de doença! Por isso que quem faz capoeira pode normalizar ou abaixar a pressão. E fala a Thales: – A sua não está alta ainda, mas tem que tomar cuidado para não ficar. Tem que continuar com o exercício, diminuir o sal da comida, parar de comer porcariada... Você come muita porcariada?*

(ALNUNOS): – *Comeeee...*

(JOEL): – *Come... gordura e chiclete toda hora!*

Ao perceberem que o batimento cardíaco de Adriano e Thales estão bem acima dos demais, dizem entre si: “– *Xiii, vai morrer!*”.

No final da avaliação física, Joel, um garoto que tinha vergonha de tirar a camiseta em outras atividades em aulas anteriores, retira a camiseta sem

constrangimento e é elogiado pelo professor: *“Agora eu gostei Joel, parou com essa vergonha de tirar a camiseta. Muito bem!”*.

Aula 5

Num dado momento da aula, volta a aparecer situação de ameaça de violência sobre Luan; destaque-se que, além de ser o menor do grupo, ele também tinha nível socioeconômico mais elevado. Adriano olha se os professores não estão olhando e fala para Luan durante uma atividade de golpes: *“Vou dar um murro na sua cara!”*, apenas, segundo ele, por não estar executando corretamente um exercício.

Thales, que no início do programa não participava de todas as atividades e era alvo de gozações pelos colegas em virtude do seu peso, começa a se envolver mais com algumas atividades e interagir com o grupo e professores. Ao ser orientado pelo professor, durante um exercício, age com naturalidade e interesse ao ser chamado de Tonelada, seu apelido na capoeira, pelo professor e prontamente executa a atividade solicitada, seguida de um elogio do professor perante todo o grupo: *“– Agora sim, muito bem meu camarada!”*. Mais à frente, na mesma aula, nova situação de elogio parece deixar Thales mais motivado e a vontade com o apelido de Tonelada, quando novamente é elogiado por Mestre 2 na roda de capoeira. Mesmo tocando o pandeiro e cantando durante o jogo das crianças, o Mestre elogia Thales por um movimento bem executado chamando-o orgulhosamente pelo apelido: *“– Aiiiiiii, Toneladaaaaaa!!!”*. Ao perceber que os

elogios motivaram o jovem, Mestre 2 também enaltece e elogia Jessé, criança mais introvertida do grupo.

Durante as atividades técnicas, Mestre 2 observa a execução dos movimentos da capoeira e comenta, informalmente com o cinegrafista em baixo tom: *"Nossa, aprende fácil... A molecada mais pobre aprende muito fácil!"*, comparando o aprendizado e evolução na modalidade com grupos de outras classes sociais que trabalha e trabalhou. Essa observação provavelmente comprova a ligação histórico-cultural da capoeira com as classes menos favorecidas e pode corroborar a hipótese dos pesquisadores, levantada no início da pesquisa, de que esta atividade antes estigmatizada e com fortes raízes na população negra, escravizada e perseguida, pode contribuir para crianças de periferia no enfrentamento e superação de preconceitos. Outro fator que potencializa este vínculo sócio-cultural da modalidade é que quando as crianças começaram a aprender e executar o "quebra-gereba", jogo mais duro que enfatiza a capoeira como luta, normalmente, negligenciado por crianças iniciantes de classes sociais mais elevadas, a maioria dos jovens deste grupo desenvolveram o jogo duro com alegria, desenvoltura e sem receio de se machucar.

Ao final da aula, os professores convidam os alunos para uma apresentação de capoeira com um grupo de crianças com AIDS, todas as crianças concordaram e gostaram da ideia. Em seguida, um aluno pergunta o que é AIDS, e o professor inicia uma discussão e explicações sobre a doença (o que é, formas de transmissão, prevenção, etc). Ao final, os alunos mostraram-se ainda mais motivados em realizar

a apresentação. Infelizmente, essa atividade não se concretizou, pela burocracia em tirar as crianças do Núcleo.

Aula 6

Thales que inicialmente se opunha as atividades, interação e integração com os colegas, já adaptado ao apelido de capoeira (Tonelada), agora além de participar das atividades, interagir com os colegas e professores mostra um novo atributo, assume a liderança do grupo numa dinâmica de atividade com a corda, onde todas as crianças deveriam passar sob a corda no mesmo momento, ele espontaneamente conta até três em voz alta para que todos passem ao mesmo tempo e executem a atividade com êxito.

Porém, identifica-se na mesma aula, que alguns participantes, ao fundo da filmagem, deixam de executar a atividade proposta e ficam comparando e mostrando o abdominal, erguendo a camisa, contraindo a musculatura e batendo com a mão sobre os músculos tencionados, atitude está que provavelmente contribuiu para que Thales e as outras crianças com maior percentual de gordura, não tirassem a camiseta durante as atividades solicitadas pelos professores.

Novas provocações sobre a menor criança do grupo foram observadas. Provocações e intimidações contra Luan, desta vez não só individualmente, mas de muitas crianças do grupo que inicialmente o seguravam para não passar pela corda durante uma atividade de aquecimento. Chateado, Luan começa a chorar e as gozações aumentam, agora também o chamando de chorão. Em seguida, Luan

pega um cone que demarcava a área de aula e corre atrás das outras crianças que, mesmo fugindo, continuam a chamá-lo de chorão até Mestre 1 intervir e acalmá-lo. Contudo as provocações continuam, durante toda a aula.

Mestre 1 elogia uma dupla de crianças que executavam a atividade de sequencia de golpes: “– *Olha... certinho. Óóóó.*”, “– *Muito bom, aprenderam bem!*” e prontamente as outras crianças ao perceberem o elogio deste Mestre, não tão comum até então, aplaudem e elogiam os amigos que realizaram a atividade.

Aula 7

Antes do início “oficial”, mas já dentro do horário de aula, Mestre 1 e Mestre 2 brincam, conversam e se divertem informalmente com alguns alunos, interagindo com atividades e assuntos fora do universo da capoeira. Neste caso, brincam, competem e riem ensinando e demonstrando a brincadeira de dar tapas não nas mãos que estão espalmadas sobre as mãos do amigo, quem está com as mãos por baixo, tem como objetivo bater numa das mãos do companheiro que está por cima, enquanto quem está com as mãos por cima tenta não receber o contato para poder inverter as posições. A atividade que dura poucos minutos, envolve muitas crianças que se divertem, estimula o contato corporal, aumenta a interação entre o grupo e com os professores e, aparentemente, iniciam as atividades da modalidade mais descontraídas.

Aproveitando a participação das meninas, que entraram casual e informalmente na aula após estarem assistindo e reproduzindo os movimentos da

aula, do lado de fora, uma vez que foram proibidas de participar da capoeira pela direção do núcleo. Os professores de maneira “clandestina” incluíram as meninas na roda de capoeira, que por sua vez cantaram, bateram palmas e jogaram com os meninos e ainda ao final da atividade, promoveram uma integração entre todos, dando as mãos e gritando alto: “– Um, dois, três... *Capoeiraaaa!*”. Neste momento meninos e meninas terminaram a aula rindo e felizes sem conflitos, discussões e contestação da participação feminina como em encontros anteriores.

Observou-se nesta aula, por discussão espontânea dos próprios jovens, que a relação com os apelidos e as crianças, transcende o universo e a tradição da capoeira, durante o aquecimento as crianças brincam com Marcos, por exemplo, chamando-o pelo apelido Tição, que surgiu antes do início da implantação do projeto de capoeira.

.Após queda de Paulo, durante movimento de capoeira na aula, Mestre 2 dá um grande abraço e brinca com o aluno. Percebe-se, que o abraço do professor, é um “gesto estranho” para Paulo que se sente envergonhado e incomodado com o ato de carinho do professor.

As perseguições, gozações e agressões a Luan continuam, principalmente de Jeferson um dos maiores do grupo. Mais à frente, os professores tentam vencer a barreira da violência tão exaltada pelos alunos, explicando as tradições da capoeira e ética do esporte, na tentativa de sobrepor valores que podem ser importantes para o enfrentamento e superação de preconceitos e respeito a

adversidade e ao próximo, quando um aluno pergunta se na capoeira pode “dar porrada”, no oponente. E o diálogo segue:

(MESTRE 2): – *Olha... ele me perguntou se pode acertar? Pode... mas na capoeira é assim, você não precisa dar porrada para acertar. Por exemplo, a meia lua de compasso se acertar machuca, agora o martelo se o amigo não sair, você só encosta, já conta que acertou e nem precisa machucar o amigo.*

(MESTRE 1): – *Não precisa dar porrada!*

(MESTRE 2): – *Se você der uma benção, e o cara não saiu... você só encosta e já mostra.. Olha já te acertei... Você ainda sai por cima, porque foi camarada com ele e daí o jogo fica mais bonito, entendeu?*

Aula 8

O oitavo encontro foi caracterizado por uma apresentação de capoeira das crianças em uma festa de confraternização do núcleo, para o encerramento do seMestre, com a participação de todas as crianças do núcleo, professores de outras atividades, pais e convidados, além de outros Mestres de capoeira trazidos por Mestre 1 e Mestre 2. O evento foi de grande valia, pois além de atingir os objetivos propostos de integração, inclusão e motivação das crianças que participaram do projeto, situações emergentes casuais potencializaram e promoveram valores positivos aos participantes. Inicialmente, Mestre 2 abre a apresentação, jogando com Thales, o Tonelada, que mostra desenvoltura e alegria em apresentar-se para a plateia jogando capoeira com seu professor. A seguir, uma menina que assistia a

apresentação e não participava das atividades no decorrer do projeto, pede para jogar capoeira com o grupo, alegando já ter praticado a modalidade em outro lugar. Com a autorização dos Mestres, ela passa a integrar o grupo de meninos, cantar e jogar com eles. Todas as crianças do grupo mostraram-se motivadas e alegres em participarem da apresentação, principalmente por assumirem papel de protagonistas, um outro aspecto importante para o grupo foi que durante o jogo com os Mestres convidados, estes privilegiaram o aspecto (mandinga, camaradagem, malandragem e brincadeira) que também fazem parte do contexto da modalidade descaracterizando a capoeira como luta e combate corporal, que culturalmente, muito aparece neste grupo durante as aulas.

Para fechar a apresentação, os professores e Mestres ainda chamaram para participar da roda e jogar capoeira: uma criança com deficiência física que assistia a apresentação, os professores de outras modalidades do núcleo além dos diretores e mantenedores da instituição, gerando integração e inclusão total neste agradável encontro que se encerrou com doces, salgados, refrigerantes e muita conversa entre todos os presentes.

Aula 9

Durante as atividades de ginga em dupla, executada na aula, Mestre 2 percebeu que Carlos gingava sozinho e de frente para a parede, pois o jogo da capoeira é realizado em duplas e havia número ímpar de crianças neste encontro. O professor então solicita à criança que gingue em trio com outros dois colegas,

mesmo não existindo esta situação, de três, no contexto do jogo da capoeira, o professor privilegia a atividade de integração, interação e auxílio entre as crianças em relação a uma atividade isolada e exclusiva que também não está inserida no contexto do jogo.

As atividades de músicas têm se mostrado uma importante ferramenta no contexto desta pesquisa, tanto para diagnosticar e emergir novas situações a serem discutidas e analisadas, quanto para recursos didáticos e metodológicos na transmissão de novos valores, conceitos e mensagens propostas pelos professores. Nesta aula, por exemplo, alguns novos aspectos surgiram no contexto das cantigas:

Quando Mestre 1 cantou uma nova música que dizia:

“ Vamos jogar capoeira, vamos tocar berimbau

Que o meu mestre falou, quem não gingar direito

Vai entrar no pau”

Muitos dos jovens, no momento em que o Mestre cantou “*entrar no pau*”, riram e maliciaram a música comentando com os colegas: “ – *Eu não vou entrar no pau não, é você quem vai!*”, dando uma nova interpretação aquela frase musical.

Em outra ocasião, o Mestre usou uma das músicas mais bem aceita pelos alunos, cujo conhecido refrão é: “ – *Paranaê, Paranaê, Paraná...*”, para durante os versos da mesma, improvisar frases de incentivo e recados para os alunos, que motivados, respondiam o coro com euforia:

“ – E Paranaê, essa roda está de lascar, Paraná”

– REFRÃO

“– Quem não canta bate palmas, que é pra roda melhorar, Paraná”

– REFRÃO

“– E Paranaê, eu gostei muito desse jogo, Paraná”

– REFRÃO

Nas atividades técnicas desta aula, Joel, aluno muito competitivo, percebe que Jeferson tinha dificuldade para executar a atividade de (ponte na parede) e espontaneamente aproxima-se do colega, coloca as mãos sob suas costas e auxilia o amigo a executar o exercício com segurança. Além da perspectiva positiva na relação de colaboração e proteção do colega, percebeu-se que a relação e o tabu do contato corporal com os colegas, passaram a ficar em segundo plano, não ter tanto constrangimento ou malícia e o contato corporal entre os participantes, agora, começaram a fazer parte da rotina das aulas.

Durante as atividades desta aula, Mestre 1 mesmo orientado por Mestre 2, fora do contexto da aula, esquece do combinado e chama Thales de “Gordinho”, e o jovem sente-se incomodado e constrangido, diferente de quando é chamado de Tonelada.

Novamente emerge um episódio com Joel, que dificilmente aceitava as brincadeiras ou correções dos professores e dos colegas, brigando ou deixando de participar das atividades, mas que constantemente zombava dos amigos. Neste

diálogo, os Mestres brincam com seu novo apelido, após ele brincar e zombar dos apelidos de outros colegas:

(Mestre 2): – *Já arrumei um apelido pra você na capoeira!*

(Joel):– *Qual?* (com cara de desconfiado)

(Mestre 2): – *Capacete!*

(Joel):– *Por quê?*

(Mestre 2): – *Olha o seu cabelo!*

(Joel):– *Aaaa... Sai fora!* (responde passando a mão no cabelo que caracterizou o apelido)

(Mestre 2): – *Você veio de moto hoje? Está de capacete? Pode tirar o capacete pra fazer aula!* (Joel ri, balança a cabeça positivamente afirmando que está de capacete e simula destravar e tirar o capacete da cabeça, mesmo com os colegas dando risada).

(Joel):– *A não vai... Capacete não!*

(Mestre 2): – *Ficou legal cara... da hora!*

(Joel):– *O que capacete?*

(Mestre 2): – *Não... Não o apelido, o seu cabelo assim, mas capacete é um apelido legal* (mostrando que gostou do novo cabelo cumprido de Joel).

Novamente, observou-se nesta aula uma situação em que a criança maior usa de seu tamanho e força para ser favorecida perante os menores. Após o

professor liberar a turma para beber água, os alunos correram até o bebedor para chegarem logo à fila, Jeferson, uma das maiores crianças, chega após a fila estabelecida e se coloca à frente de Luan, a menor criança do grupo, que tenta resistir e argumentar, mas é empurrada por Jeferson que se debruça sobre o bebedor e só respeita a ordem de chegada, após intervenção do professor.

Aula 10

Assim como na aula anterior, emergem situações e diálogos com Joel, a respeito de seu temperamento e atitudes com os professores e com os colegas. Após executar um movimento com Joel perante o grupo, Mestre 2 abraça carinhosamente o aluno e Mestre 1 inicia um diálogo sobre seu temperamento explosivo e necessidade em aceitar as brincadeiras dos amigos, correções dos professores e acidentes ocasionais. A criança parece receber bem as intervenções dos Mestres e, diferentemente de momentos anteriores, escuta os conselhos e sorri durante a conversa, o restante do grupo ouve atenta e silenciosamente a conversa:

(MESTRE 1): – *Olha, ele tem um comportamento que às vezes é diferente dos outros, ele tem um... O estopim dele é curto. Sabe o que é estopim?* (Mestre 1 fala com o Grupo, sobre Joel)

(JOEL): – *Eu não!* (Responde já “fechando” o rosto e mudando sua fisionomia)

(MESTRE 1): – *É o estopim da bomba.*

(MESTRE 1): – *Pavio!*

(MESTRE 1): – *Pavio curto!*

(JOEL): – *Aaaa... sei como é que é.* (Responde sorrindo e já concordando com o Mestre sobre suas características).

(MESTRE 1): – *Sabe o que é bomba, quando você liga ela, ela não demora um tempo pra queimar? Tem umas que já estouram rápido, que você não pode segurar... É pavio curto. E isso, agente tem que fazer exercícios para você ficar maleável, você não precisa explodir com tudo. Como eles aceitam suas brincadeiras, você também tem que aceitar a dos outros, quando você não consegue fazer uma coisa você fala: “ – Aaaa não vou fazer”, você sai e emburra. A gente vai ter que trabalhar isso pra você ser aceito mais entre seus amigos...*

(MESTRE 2): – *E como que isto está presente na capoeira? Na roda de capoeira é normal um amigo seu te dar uma queda, pensou se você não aceita e já fica bravo com aquela queda. Às vezes você ri daquela queda, finge que nem ligou e de repente você vai e devolve a queda no seu amigo...* (Mestre 2 pergunta e já responde fazendo uma analogia com a capoeira).

(MESTRE 2): – *Você acertou a cabeça de um amigo fazendo um aú, e foi sem querer. Se fosse ao contrário o que você faria?*

(JOEL): – *Não sei!* (Joel pensa e responde sorrindo)

(MESTRE 2): – *Você não sabe, mas agente sabe muito bem... Ficaria “P” da vida!*

(MESTRE 1): – *Tem que descontrair, brincar, relaxar!*

Mantendo a dinâmica de incentivo, interação e afetividade durante as abordagens, Mestre 2 segue com constantes reações de motivação e incentivo aos alunos, principalmente os menos aptos e participativos, principalmente após as constantes broncas e métodos mais tradicionais e rigorosos aplicados por Mestre 1:

(MESTRE 1): – *Rapaz dobra essa perna, parece que está engessada. Está dormindo? Parece que está com sono!* (Mestre 1 corrige rispidamente o movimento de ginga de um aluno)

(MESTRE 2): – *Ai Adriano, olha pra ele, olha pra ele. Isso ai Adrianooooo, bonita a ginga.* (Mestre 2, percebe atitude de Mestre 1 intervém tentando motivar Adriano, visivelmente constrangido).

Aula 11

Neste encontro, Thales, os professores e o grupo já estão tão adaptados ao apelido de Tonelada, que Mestre 2 o chama, naturalmente, de “Tone”, por várias vezes durante a aula e ele atende e interage espontaneamente.

Após os alunos terem dito não ser possível aprender o coro de uma música de capoeira, por ser muito comprida e complexa:

“Jogar capoeira de Angola não é brincadeira menino vem ver lêlê, com a cabeça no chão vai saindo de aú completando o role”

Mestre 1, com atitude diferente de aulas anteriores, desta vez, provavelmente, lembra-se das conversas com Mestre 2, se compara aos alunos e tenta motiva-los e incentiva-los dizendo: “– *Vocês tem que botar na cabeça que tudo é possível. Eu aprendi, vocês que são novos e inteligentes aprendem também. Vamos de novo! Jogar capoeira de Angola...*”.

Após o animado momento das músicas, que na maioria das vezes abre a aula, Mestre 1, sentado em roda com as crianças pergunta ao grupo de onde veio a capoeira. Daniel responde que veio da Bahia e Thales corrige dizendo que foi dos escravos. A partir daí o Mestre aproveita para de forma descontraída e informal contar em forma de “historinha” a origem da capoeira vinculada a relevantes aspectos de sua origem e tradição, sob os olhares atentos e interessados do grupo:

“– *Bom, então eu vou contar a história de um continente com vários países, que falavam várias línguas, chamado África. Pra gente, chamado de Mãe África! Esses negros moravam lá e eram felizes, caçavam, pescavam, tomavam banhos nos rios e viviam livremente. À noite acendiam a fogueira e faziam seus rituais... Até que um dia alguma coisa estranha estava acontecendo, começou a surgir não caçadores de bichos, mas caçadores de gente... Caçadores de seres humanos, principalmente os negros*”. Nesse momento uma criança compenetrada e de olhos arregalados interrompe e diz: “– *Os escravos!?*”, e Mestre 1 continua: “– *Isso, para a escravidão que até então não existia... Ai começou a ocorrer isso em toda a África e eles começaram a fugir, primeiro eram os homens, depois a família inteira. Os caras chegavam com um monte de armas, batiam, amarravam eles e jogavam no porão de um navio, chamado de navio negreiro. Ai atravessavam o oceano e*

desbocavam aqui na Brasil, e essas família, essas aldeias, eram separadas... Isso tudo dentro das grandes fazendas do Brasil, eles eram vendidos no mercado de escravos amarrados, nego olhava as canelas deles e escolhiam os melhores escravos de canela fina, se tivesse canela grossa eram preguiçosos, olhavam e escolhiam os com os dentes perfeitos e os reprodutores para reproduzir com aquelas negras bonitas. Aí eles iam trabalhar, trabalhavam basicamente na cana de açúcar e no cultivo do café, açúcar que é doce, mas não era nenhum pouco doce a vida deles, era amarga, trabalhando o dia inteiro de sol a sol e depois eram presos, trancados dentro das senzalas. Ai eles comiam uma ração, ração porque era racionado, não é a ração que tem hoje né! Mas era uma coisa racionada, eles eram tratados que nem bicho, mas eles tinham aquela ânsia de liberdade, voltar para a terra mãe, eles queriam a liberdade, e fizeram a criação dos quilombos... O mais famoso era o dos Palmares e começaram então a treinar a luta de corpo baseado no que eles viam nas ferramentas, nos animais... No bote da cobra, na sagacidade da raposa, nos felinos e agilidade das onças e ai surgiram o rabo de arraia, os golpes, nas cabeçadas do bode, eles imitavam aquilo tudo que os bichos faziam. Eles usavam isso na senzala, de noite quando chegavam do trabalho e os caras chegavam e olhavam aquilo os caras batendo palmas, tambores e era a religião deles, e os caras olhavam aquilo, não sabiam e falavam: – Deixem eles lá, isso é coisa de preto. E quando os caras saiam eles transformavam aquela brincadeira em luta a vera, pra poder desarmar os caras e conseguiam fugir da senzala pra formar os quilombos e vinham buscar os outros escravos pra conseguir a liberdade também, foi ai que surgiu a figura do capitão do mato, que tinham a missão de

recapturar os negros.” Nesse momento Carlos, interrompe e diz: “– Eu vi isso ai na aula de história.” Mestre 1 continua sob o olhar atento da turma: “– Então, essa figura, tentava pegar mas era difícil pegar os negros, eles iam de cavalo mas apanhavam com o cavalo, arma e tudo. E eles conseguiram... Não a liberdade, porque ela veio tarde, muitos anos depois, mas conseguiram a razão pra viver e passando de pai pra filho a sua luta, a sua cultura, a sua história. Isso durou mais de 300 anos, do século XVI até o século XIX, até que veio a abolição, então a capoeira vem de muito tempo. Mas a gente tem uma cultura forte enraizada nesse país, ela não é brasileira... É afro-brasileira! Eu queria contar essa historinha pra ilustrar o aprendizado de vocês. Quem gostou bate palmas!” E os alunos atônitos e satisfeitos, ovacionaram Mestre 1 com uma longa salva de palmas, provavelmente bem diferente do que acontece em muitas carteiras das salas de aula.

Mais uma vez demonstrando o perfil “brigador” dos jovens do grupo, Joel não teme, como comumente acontece com os iniciantes da modalidade, o jogo com um Mestre desconhecido quando for receber sua primeira graduação. Em conversa com Mestre 2 quando explicava que durante o batizado, o aluno iniciante jogaria com um Mestre desconhecido até o Mestre derrubá-lo, para que possa receber sua primeira graduação. Joel, irreverente e corajoso ironiza dizendo que então seu jogo vai demorar bastante, pois o Mestre não conseguira derrubá-lo.

Thales, o Tonelada, que nos encontros iniciais pouco participava das aulas, com vergonha, desinteresse e restrição em participar das atividades da modalidade, além de ter participado ativamente das práticas, no momento que os professores liberaram os alunos para descansar, beber água e irem ao banheiro, Thales

continuou, sozinho, no espaço da aula e pediu para que o professor o ensinasse a tocar berimbau. Em seguida, na volta a atividade, um grupo de crianças inicia brincadeiras e ofensas com o peso de Thales, Mestre 2 intervém tranquilamente dizendo: “– *Vocês sabem porque o apelido dele é Tonelada? Vocês estão todos enganados... Se o golpe dele te acertar, a meia lua, pesa uma tonelada. E faz um estrago... não é Tone!*” Em seguida o professor brinca com o apelido de outros dois alunos e Thales ri e brinca junto com os amigos: “– *E se o Formigão der uma picada em vocês vai doer heim! E se o Capacete der uma capacetada em vocês então.*” A partir daí a conversa que se iniciou com tom de ofensa, termina em forma de agradável brincadeira.

Em seguida, Mestre 2, brinca com Daniel, que olha para ele com cara de bravo após uma correção, dizendo: “– *Não fica com essa carinha que eu apaixono heim...*”, o aluno em questão que aulas atrás mostrou-se incomodado e constrangido ao receber um abraço do professor, agora já ri com os demais entendendo a brincadeira. Essa resposta positiva pode contribuir, de forma valiosa, no enfrentamento dos paradigmas em relação à sexualidade.

Aula 12

No início desta aula, os professores levam pela primeira vez uma cinematografista do gênero feminino para registrar as atividades do dia, ao perceberem que havia uma mulher, com roupa esportiva, no local os alunos nitidamente mudaram seu comportamento com olhares, ora fixos, ora disfarçados,

conversas individuais e em baixo tom, silêncio incomum durante o início da aula, vergonha em realizar as atividades e conversar com os professores.

Novamente emerge uma situação em relação ao tabu da sexualidade/homossexualidade, desta vez quando Mestre 2 explicava uma nova brincadeira para a turma. Ao perceberem, pela explicação do professor, que ficariam em fila, com o tronco fletido e abraçadas pela cintura, para que o outro grupo, saltando, ficasse sobre as costas das crianças enfileiradas, a maioria das crianças repudiou veemente a brincadeira e não queriam participar da atividade, principalmente por ser abraçado por trás pelo colega ou ter um amigo deitado em suas costas. Após insistência dos professores e início das atividades, o grupo aderiu totalmente a dinâmica e pedidos para brincar mais vezes de “arrear mula”, nome ensinado pelo professor à essa atividade. Thales, mesmo reclamando de dores nas costas por sustentar o peso dos amigos, insistia para que a brincadeira não parasse. Ainda no final desta aula, durante o jogo de capoeira, Mestre 2 usava com naturalidade palavras que as crianças usavam exclusivamente para falar sobre a sexualidade e entre si, para corrigir os movimentos dos alunos: “– Boa Joel, só que olha gente, joga o pinto lá pra cima, põe a mão no chão e dá o Rolê. Aeeeeee muito bom!”, “– Cuidado, a joelhada não é assim, no saco, tem que ser na barriga tá!”.

Nesta aula, novamente, a música se mostra um importante instrumento pedagógico e de muito envolvimento dos jovens. Após Mestre 1 cantar uma música inteira estimulando a briga e a violência, deixando os alunos surpresos e desconfiados o Mestre canta assim o último refrão da canção: “– Tudo isso é

brincadeira, colega veio, porque brigar não tá com nada háhá”. E a turma sorri entendendo a real mensagem da canção.

Aula 13

Após Mestre 1 contar uma história, no início da aula, sobre um engraxate e a valorização e dignidade de cada uma das profissões, vinculando a tradição e história da capoeira, Mestre 2 pergunta ao grupo se alguém trabalhava e/ou já havia trabalhado. Inicialmente ninguém responde, parecendo esconder realidade, a seguir Mestre 2 diz que já trabalhou como engraxate, vendeu pipa, limpou caixa de gordura e trabalhou em lanchonete, a partir daí o grupo também começou a falar e descobriu-se que grande parte dos jovens vivenciaram a experiência com o trabalho precoce (limpador de piscina, vendedor de tomate, vendedor de rosas no semáforo “3 irmãos”, vendedor de bala, guardador de carro e vendedor de tapioca). Desta maneira, os Mestres exaltam a dignidade de qualquer profissão, mas enfatiza a importância de crianças e adolescentes brincarem e estudarem nesta fase da vida.

Ainda quando discutiam sobre as profissões, Jeferson diz que quando vendia rosas no semáforo e parou uma Ferrari ele achou que o motorista fosse lhe dar R\$ 50,00 e ficou decepcionado, pois mesmo sendo “rico”, lhe deu “apenas” R\$ 0,20.

Ainda surgem algumas brincadeiras e gozações sobre o peso de Thales, porem encarada de forma muito mais tranquila e sem inibir tanto o garoto, que já devolve as provocações. Quando o grupo conversava sobre assuntos variados, num intervalo da aula, Mestre 1 disse ter um amigo que obteve sucesso na profissão

montando uma pequena lanchonete que hoje virou uma grande rede de lanches na cidade, chamada “Gordão Lanches”, Joel olha para o irmão, Thales, e zombando a lanchonete é dele.

Ao final da aula, Jeferson chamou o Mestre para conversar e mostrou-se preocupado, questionando sobre o quão hábil teria que ser na modalidade para receber sua primeira graduação. Mestre 2 aproveita a oportunidade para falar sobre a importância de outros valores, principalmente por Jeferson ser um dos principais agressores das crianças menores, e não só da técnica para ser um verdadeiro capoeirista (respeitar o Mestre e os outros capoeiristas, tocar instrumentos, entender e respeitar as tradições culturais da modalidade), Jeferson parece ficar mais tranquilo sobre a possibilidade de receber sua graduação, pois não se julgava tão hábil como outras crianças.

Na sequência, novamente uma música de capoeira prende a atenção dos alunos e conta a história da associação da modalidade ao estigma e preconceito:

“Dizem que um capoeira

é aquele pretinho sujo

pretinho que não trabalha

pretinho que não estuda

pretinho que é vagabundo

mas eu sou um capoeira

sou até um preto aciado

eu trabalho

eu estudo

ganho o meu dinheiro suado

capoeira não tem raça

capoeira não tem cor

capoeira ta no sangue

capoeira é só amor

ô,ô,ô,ô,não tem raça não te cor

ô,ô,ô,ô,ta no sangue é só amor”

Aula 14

Mestre 2 não pode comparecer para esta aula, que foi dirigida somente por Mestre 1 utilizando-se da metodologia tecnicista e com ênfase nas incansáveis repetições de golpes e movimentos, na maior parte do tempo. A aula na concepção do próprio Mestre 1, não apresentou envolvimento e participação das crianças como em aulas anteriores que, irritado, desabafa com o grupo no final:

– Para ai, parou, parou! Eu vou ficar falando toda a aula. Viu é com você agora! Eu vou ter que parar toda vez que vocês falarem, até vocês aprenderem.

– *Eu fico me desgastando aqui e um fica conversando, dando risada. Cara isso desgasta, cansa...*

– *Eu estou dando e não estou recebendo nada em troca cara. Isso é uma palhaçada! Canta, bate palmas, presta atenção, interage... mostra sua energia!*

– *Eu troco de música vocês nem percebem e cantam o mesmo couro. Eu quero que vocês fiquem ligados, a vida é assim!*

– *Vou tentar de novo, agora eu vou dar berimbauzada na cabeça, igual Mestre Bimba fazia.*

– *Eu não vou dar não, mas eu falo que vou.* (Mestre 1 comenta com a cinegrafista em baixo tom)

Um novo conflito surge ao final do encontro. Sem perceber que estava sendo gravado, um membro da direção do núcleo conversa com o grupo sobre a participação da turma numa apresentação de capoeira, dizendo que o núcleo não conseguiu o transporte que levaria as crianças para o evento externo e sugere em diálogo ríspido que eles vão de ônibus até o local:

(DIRETOR): – *Eu quero saber quem pode e quem não pode?*

(ALUNO): – *Eu não sei!*

(DIRETOR): – *Vocês não andam de ônibus sozinho, cambada de gente que não presta pra nada...*

(DIRETOR): – *Gente, eu na idade de vocês andava por tudo em São Paulo de ônibus!*

(JOEL): – *É lógico, na sua época!* (E todos os alunos riem do membro da direção, que fica ainda mais nervoso e diz em seguida):

(DIRETOR): – *Sabe a diferença da sua época? É que eu sou mais esperto que você, que é um tonto na sua época!*

(ALUNOS): – *Eeeeeeeeeeeee* (zombando do colega que foi xingado pela diretora)

(JOEL): – *Todo mundo é tonto então!?!*

(DIRETOR): – *Mas o único tonto que abre a boca é você!*

Mesmo Thales, já integrado ao grupo, participando das atividades que não executava, despontando-se como líder da turma em determinadas atividades e aparentemente gostando do apelido de Tonelada, foi a única criança que ao receber de presente dos professores a camiseta de capoeira, não tirou a camisa para vestir a nova, colocou-a por cima da outra.

Aula 15

Antes deste encontro, a diretora do núcleo conversa com os Mestres dizendo que recebeu reclamações de outros professores. As acusações referem ao aumento das “brincadeiras de mão”, insinuando ser culpa da capoeira. Mestre 2 diz que vai investigar e conversar com o grupo, mas que não acreditava ter relação com a modalidade em virtude da evolução dos princípios aplicados desde o início dos trabalhos, a melhora na interação com o grupo e principalmente por esse tipo de

brincadeira, em caráter aceitável, fazer parte da rotina das maiorias das crianças do gênero masculino, além disso a modalidade ensinada no núcleo até então, não apresenta golpes com as mãos.

Luan comenta com Mestre 2 que, conforme combinado, foi até o portão do núcleo, ponto de encontro acordado, para irem participar de uma apresentação de capoeira a pedido dos professores e chegando lá não havia encontrado ninguém. Mestres aproveitam a oportunidade para discutir sobre responsabilidade e comprometimento, uma vez que muitos dos jovens se comprometeram em comparecer e não foram:

(LUAN): – *Professor, eu vim aqui aquele dia que você falou. Mas não tinha ninguém!*

(MESTRE 1): – *Quem veio sábado?* (silêncio absoluto após a pergunta do Mestre)

(MESTRE 2): – *Quero cumprimentar o Luan então, porque eu gostei da atitude. Olha ninguém é obrigado a ir, mas vocês tem que aprender a palavra comprometimento. A gente nunca vai ficar bravo se alguém não for, mas desde o momento que vocês falam que vão, a gente acredita em vocês e acha que vão mesmo!*

(MESTRE 1): – *O Mestre 2 falou em comprometimento, e vocês sabem o que significa comprometimento?*

(LUAN): – *Responsabilidade.*

(MESTRE 2): – *Aiii Luan, você está de parabéns viu, ganhou um ponto, pode contar comigo... Imagina a gente se compromete com a diretora do núcleo em vir dar aula aqui pra vocês e simplesmente não aparecemos. Nós já deixamos de vir algum dia aqui?*

(ALUNOS): – *Nãoooo!* (Respondem os alunos parecendo envergonhados e arrependidos).

Nesta aula, já sabendo dos problemas ocorridos na aula anterior com a metodologia tecnicista, Mestre 2, com a autorização de Mestre 1, realiza a aula inteira de forma lúdica utilizando brincadeiras associadas ao treinamento da capoeira e materiais alternativos. Inicialmente começa a atividade com brincadeiras e jogos só com uma bola e aos poucos vai implantando os movimentos e golpes da modalidade juntamente com o material; Ex: Joga a bola para cima e tem que acertá-la realizando um determinado golpe (martelo, armada, benção). Mais a frente estimulando a criatividade e o improviso, pois desta vez não era o professor que solicitava o movimento, ele teriam que aplicar o golpe mais adequado, dependendo da altura e velocidade que a bola era jogada e não poderiam repetir um movimento já executado pelo colega. Mestre 2 experimentou este método após Mestre 1 relatar que na aula anterior, as crianças estavam desatentas e pouco participativas. A alternativa parece ter surtido efeito, pois a aula apresentou boa participação e envolvimento das crianças.

Aula 16

Aproveitando uma brincadeira da aula, que usava principalmente a força, Mestre 2 discutiu com a turma sobre o biótipo de cada um e a valorização das capacidades físicas para cada individualidade, entre elas a força de Thales:

(MESTRE 2): – *Quem sabe o que são capacidades físicas?*

(DANIEL): – *Eu... Força, flexibilidade, agilidade e elasticidade.* (Daniel responde com o auxílio de outros alunos para a surpresa dos professores)

(MESTRE 2): – *Olha, eu estou muito contente. Tem alunos meus da faculdade que quando caiu isso na prova e eles erraram. Parabéns!*

(MESTRE 2): – *E a gente fez essa brincadeira para mostrar o que é biótipo, quem sabe o que é biótipo?*

(CARLOS): – *É alguma coisa que está no corpo...*

(DANIEL): – *É um xampu!* (Provavelmente associando com alguma das muitas marcas com o prefixo bio, disponíveis no mercado)

(MARCELO): – *Vários tipos.*

(MESTRE 2): – *Isso!!! Vários tipos... Um é mais alto, um é mais cheinho, um é mais gordinho, um é baixo. Então cada um tem um biótipo e cada biótipo é melhor em uma das capacidades físicas. Por exemplo, que tipo de capacidade física vocês acham que se destaca nessa brincadeira?*

(ALUNOS): – *Força e resistência*

(MESTRE 2): – *Isso, Força mais até!*

(MESTRE 2): – *E se fosse agilidade, quem vocês acham que tem mais agilidade aqui?*

(CRIANÇAS): – *O Japa* (Respondem associando, corretamente, Daniel a tal característica)

(MESTRE 2): – *Isso o Luan, o Japa. Quem é pequenininho que é mais fácil ser ágil.* (Incluindo Luan, aluno mais baixo e que recebia constantes agressões e xingamentos dos maiores)

(MESTRE 1): – *O Formigão.* (Indicando outra criança baixa ainda não citada)

(MESTRE 2): – *Então quando a pessoa não tem força, ela tem agilidade. Para mostrar para vocês que cada um é bom em uma determinada coisa, o que é normal, entenderam. Só que temos que treinar todas as capacidades físicas, porque? O Luan nunca vai ter a força do Tonelada, mas se ele treinar junto com o Tonelada, vai ficar bem mais forte do que o Luan já é, e o Tonelada não vai ter a agilidade dele, mas quando chegar na roda de capoeira, todo mundo vai ficar meio com medo de jogar com o Tonelada porque o martelo dele é muito potente. E todo mundo com medo de jogar com o feitor porque ele é muito rápido e ágil, pula pra lá e pula pra cá... Beleza!*

Aula 17

Thales mostra-se à vontade e até orgulhoso do apelido recebido na capoeira quando Mestre 2 explica sobre as graduações da modalidade e os batizados, evento que os alunos recebem suas graduações, e diz:

(MESTRE 2): – *Imagina que legal quando vocês forem Mestres de capoeira... Eu queria apresentar pra vocês o Mestre seu Madruga*, (Diz o Mestre simulando apresentar os jovens quando tornarem-se Mestres de capoeira. Em seguida os alunos riem, exceto “Seu Madruga” que fica quieto e um pouco sem graça).

(MESTRE 2): – *O Mestre Luan, o Mestre Macarrão, o Mestre Tonelada*

(THALES): – *Euuuu!*. (Todas as crianças ficaram quietas e Thales ao ser chamado de Mestre Tonelada sorriu e disse orgulhoso).

Neste mês, que foi comemorado o dia das crianças, os professores organizaram uma aula especial para o grupo. A aula teve um caráter mais lúdico com muitos jogos, brincadeiras e atividades que eles gostavam e não podiam executar no núcleo (futebol, atividades com bola, pega-pega, corrida do saco), por um tempo bem maior que o usual, e no final da aula os professores entregaram um saco com balas e doces de presente para cada um, em cada um dos saquinhos havia um bilhete com estrofes de 2 músicas de capoeira aprendidas durante o curso e que transmitiam, segundo os professores, valores importantes para a prática da modalidade e formação do cidadão:

MUSICA 1

“Ouvindo as histórias do Mestre

Eu fico a imaginar,

Dou asas a meus pensamentos

Eu sou livre para vor

***Feliz dia das crianças! “Mestre 1, Mestre 2 e Roberta
(Cinematografista)”***

MUSICA 2

“Na roda de capoeira

Todos têm o seu valor

Respeitando o aluno

E também o professor

***Feliz dia das crianças! “Mestre 1, Mestre 2 e Roberta
(Cinematografista)”***

Aula 18

O fato que marcou esta aula foi que de surpresa, os alunos receberam, felizes e orgulhosos, o principal adereço da modalidade conhecido como abada e agora estavam com o uniforme completo. Tanto as camisetas, quanto as calças, abadas,

foram conseguidas por meio de doações de conhecidos dos Mestres que executam o projeto.

Aula 19

Joel tinha dúvidas sobre uma atividade que foi explicada, e ao perguntar o que não havia entendido, Mestre 1 responde: “– *Você não prestou atenção não!*”, Mestre 2 abraça o aluno e o defende respondendo à Mestre 1: “– *Ele está com dúvidas, não tem problema, não faz mal*”. Na mesma aula, Mestre 2 adapta o jogo da memória com os golpes da capoeira, a qual cada aluno deveria falar o nome de um golpe e executá-lo, em seguida a próxima criança repetiria o golpe anterior e executaria um novo sem poder repetir, e assim sucessivamente com as outras crianças. Esta atividade despertou muito interesse e participação nos alunos além de revisar a execução e o nome de todos os golpes aprendidos nos 18 encontros anteriores.

No decorrer das atividades, ao perceber que entre um dos dedos do pé de Daniel, aluno que tirava muito sarro do apelido Tonelada e de outros, havia um espaço maior que o anatômico, Mestre 2 brinca com Daniel e alunos falando que seu apelido a partir de agora seria Alicate, Daniel ri aceitando a brincadeira e outros alunos continuam falando do espaço no pé do colega: “– *Xiii, tá faltando um dedo aqui!*” diz Jefferson, o Minhoca. Em seguida Mestre 2 fala que vai fazer uma votação para escolher o melhor apelido a ser aplicado a Daniel e ele mesmo responde sorrindo: “– *Alicateeeee!*”. No momento em que todos estavam falando muito e só

sobre o apelido de Daniel, Mestre 2, na tentativa de desviar o foco do jovem, começou a relembrar os vários apelidos da turma: (Minhoca, Seu Madruga, Avestruz, Macarrão, Tonelada, Formigão e Capacete,) e todos riram juntos.

A seguir, depois de brincar e zombar de vários amigos, Joel, criança mais explosiva do grupo, vira o foco das brincadeiras ao ser lembrado seu apelido de Capacete, sugerido a algumas aulas atrás, ele não gosta da lembrança e de cara fechada diz que não quer este apelido. Pacientemente, Mestre 2 explica para ele ter calma e “levar numa boa”, que o apelido só se solidifica quando não é aceito, Joel espontaneamente responde: “ – *Aaaa então eu gosto então!*”, Mestre 2 e Mestre 1 riram muito e em seguida Mestre 2 dá um longo e carinhoso abraço no aluno, que também sorri e desta vez aceita a brincadeira.

Aula 20

Na 20^a. aula, quase 7 meses após as meninas serem proibidas de fazer aula de capoeira pela direção do núcleo, elas ainda expressam muita admiração e vontade em participar das aulas da modalidade. Ao saírem das outras atividades, ainda ficam assistindo o final das aulas de capoeira e repetindo, do lado de fora, os movimentos executados, batendo palmas e cantando as músicas junto com os alunos, mesmo de longe, durante toda a roda.

Um fato marcante para o projeto aconteceu na roda ao final desta aula. Thales, o Tonelada, aplica uma queda em Daniel, o mais hábil dos alunos na prática da Capoeira, claramente aplicando o conceito da sua principal capacidade física, a

força, discutido nas aulas anteriores. No momento do golpe preciso, Mestre 1 e Mestre 2, que estavam tocando os instrumentos e cantando, gritaram positivamente reverenciando o aluno. Daniel aluno que levou a queda levanta-se sorrindo e continua o jogo, aceitando o movimento recebido e parecendo ficar feliz pelo companheiro. Thales agora além de participar das atividades, envolver-se nas interações e brincadeiras com alunos e professores, destacar-se por iniciativa e liderança, destaca-se também numa modalidade que, teoricamente e vulgarmente, seria para os magros e ágeis.

Aula 21

Uma animada e integrada ação aconteceu ao final deste encontro, diferente da tradicional ação aplicada para o encerramento das aulas, onde todos colocam as mãos sobre as mãos de todos e gritam Capoeira, Mestre 1 chama as crianças ao centro do espaço e começa a cantar, repetidas vezes o refrão da música: “ – *A hora é essa, a hora é essa*”, as crianças juntas cantam e pulam alegres repetindo o refrão por varias vezes comemorando mais uma aula de capoeira.

Aula 23

Este encontro foi marcado pela realização do 1º. batizado para os jovens do núcleo, nesse evento as crianças do projeto compareceram a uma academia de ginástica onde Mestre 1, Mestre 2 e outro Mestre ensinam a capoeira para outras turmas (homens, mulheres, adultos e crianças). O evento foi realizado no dia

03/12/2011, sábado, e os jovens foram até o local de van, cedida pelo núcleo, a maioria levou parentes e amigos para assistir o evento em que receberiam a 1ª. graduação da modalidade. Lá se juntaram a vários alunos da academia, que receberiam diferentes graduações, e tiveram a oportunidade de jogar capoeira e interagir também com alunos de outras academias, novos professores e Mestres de outras cidades e estados, que também compareceram ao evento.

Durante a tradicional festa da modalidade, Joel foi convidado por uma mulher mais graduada a jogar capoeira, apesar do respeito e da preocupação da praticante em deixar Joel à vontade e tranquilo, percebe-se a grande diferença técnica de uma praticante com anos de experiência e um iniciante na modalidade. Isso provavelmente contrasta com discussões anteriores onde o grupo disse que mulher não deveria praticar a modalidade e sim fazer dança, costura e música. Além de observarem várias mulheres com domínio e desenvoltura na modalidade, as crianças puderam observar uma praticante de 63 anos, que iniciou na modalidade aos 60, e recebeu sua 3ª. graduação jogando, dentro de suas possibilidades e características individuais com vários praticantes inclusive com as crianças do núcleo.

Nota-se, como de costume nestes modelos de evento, a preocupação dos Mestres e professores em interagir e descontrair os alunos a serem batizados, utilizando durante o jogo brincadeiras, sorrisos e atitudes de carinho (aperto de mão, abraço e pegar no colo em vez de derrubar), fato este que contrasta, também, com o perfil do grupo e de vários jogos durante as aulas, que em muitas vezes tinha característica de luta, briga e competição. Outro aspecto destacado neste evento

foi que, por alguns instantes, a criança era o centro das atenções e eram ovacionadas e aplaudidas pela plateia quando jogavam com renomados Mestres e quando receberam a graduação, representada por um cordão amarrado na cintura pelo Mestre que a batizou.

Para fechar o evento, as crianças já com o cordão amarrado na cintura, mostravam-se orgulhosas e confiantes, convidando e sendo convidadas para jogar com inúmeros praticantes que estavam presentes. Além disso, ao receberem a ordem de ir embora do evento, pediam aos diretores do núcleo para ficarem até o final.

Aula 24

Marcado pela reapresentação da turma para o início das atividades de 2012, depois das férias, nesta aula Paulo e Nilson estavam de óculos escuros espelhados e boné virado para trás. Os professores agem com naturalidade brincando e conversando com os garotos, permitindo que eles fiquem na aula com os novos adereços, diferente do que, possivelmente, acontece durante as aulas da escola, segunda as crianças:

(MESTRE 1): – *Dá uma olhada que figura!* (abraçando e sorrindo para Paulo que usava o boné para trás e um enorme óculos escuro espelhado)

(PAULO): – *Quer tirar uma foto comigo?* (responde sorrindo e parecendo orgulhoso dos adereços)

Aula 25

Paulo observou que Mestre 2 estava com um short de um time de futebol e em seguida o jovem e outros participantes começaram a cantar músicas da torcida do time rival ao time do professor. Depois de algumas brincadeiras sobre o assunto, Mestre 2 aproveita a momento para discutir sobre a violência no futebol com os alunos:

(MESTRE 2): – *A gente aproveita a brincadeira, que é legal, a gente aproveita essa liberdade que temos para todo mundo brincar, mas vocês viram o que aconteceu na semana passada?*

(JEFERSON): – *Eu vi, mataram um cara lá...*

(MESTRE 2): – *Mas vocês sabem o que aconteceu?*

(JEFERSON): – *Mataram na paulada!*

(PAULO): – *Eu sei! O cara tava no pastel tomando cerveja, pessoal do time rival chegou e matou o cara...*

(MESTRE 2): – *Essa violência aí, o que vocês acham disso? Será que um time de futebol vale uma vida?*

(ALUNOS) – *Não, não...*

(MESTRE 2): – *Tem gente que gosta de amarelo, tem gente que gosta de vermelho, tem gente que gosta de uma comida, tem gente que gosta de outra. Ai*

só falta, porque cada um gosta de um time, e outro gosta de outro, acabar com a vida, né? Eu tenho muitos amigos pontepretanos, que eu tiro sarro deles, mas tudo dentro de uma rivalidade sadia... Vamos refletir sobre isso!

Aula 26

Daniel diz que foi assistir a uma aula de capoeira de outro grupo na comunidade e, provavelmente, compara as aulas do núcleo e os ensinamentos das tradições da modalidade discutidos continuamente pelos professores daqui:

(DANIEL): “– *Teve um dia que eu fui lá a noite... Puta baderna que é lá, ninguém respeita, o professor chama a mina pra jogar e ela não dá nem bola, fica assim ó*” (Daniel mostra uma posição de quase deitado e aparentemente desleixada, diferente da postura de pernas cruzadas e batendo palmas para incentivar os outros praticantes, ensinada pelos Mestres) “*e a mina fala: – Não vou não professor, vou ficar aqui escutando um funk*”.

Outro fato marcante para a pesquisa aconteceu ao final deste encontro, após Mestre 2 chamar Thales de Tone, Nilson, um dos alunos que mais zombava a todos e tinha forte influência sobre os demais, intervém defendendo o amigo e dizendo que chamar ele de “Tone” é *bulling*, pois quer dizer Tonelada por causa do peso dele. Em seguida, Thales sorrindo e parecendo até gostar do apelido, defende o professor dizendo: “– *Bulling é Gordinho!*”.

Aula 28

Após várias perguntas dos alunos sobre o treinamento da seleção Paralímpica de futebol de cegos em que trabalhava como preparador físico, Mestre 2 executou uma das dinâmicas mais apreciada e dominada pelas crianças do grupo, que era de pular corda. Porém, solicitou que o grupo fizesse de olhos vendados. Em seguida, após inúmeros insucessos e julgamento de “*impossível*” pelos alunos, Mestre 2 pede silêncio e atenção ao som da corda batendo no chão para saltá-la no momento exato. As crianças melhoram a atividade, mas ainda julgam muito difícil e enaltecem a capacidade dos atletas paralímpicos.

Aula 29

As aulas 29 e 30 foram marcadas por um bate papo em roda com as crianças, sempre estimulando assuntos relacionados ao tema principal do projeto, estigmas e preconceitos, porém de maneira espontâneo e sem o conhecimento do grupo. Após as férias, no meio do ano de 2012, Mestre 2 foi para os jogos Paralímpicos de Londres como preparador físico e chamador da seleção brasileira de futebol de 5, modalidade disputada por atletas cegos, e ficou aproximadamente 3 meses longe das aulas do núcleo. Em sua volta as atividades no dia 08/11/2012, as crianças fizeram muitas perguntas ao professor, medalhista de ouro, pois viram-no na TV e a partir daí surge uma vasta discussão sobre assuntos relacionados a pessoas com necessidades especiais.

(LUAN): – *Professor, você também ganhou medalha, no coisa lá?*

(OTAVIO): – *O senhor apareceu na televisão!*

(MESTRE 2): – *Em Londres, e o que teve lá em Londres?*

(LUAN): – *Olimpiadas.*

(MESTRE 2): – *Olimpiadas?*

(LUAN): – *Paraolimpiadas*

(MESTRE 2): – *E você sabe a diferença entre Olimpíadas e Paralimpíadas?*

(LUAN): – *É porque um todo mundo é normal e o outro é aleijado...*

(MESTRE 2): – *É isso mesmo que ele falou?* (Após a pergunta, as crianças balançam a cabeça concordando com a resposta de Luan)

(MESTRE 2): – *E qual que eu fui?*

(LEANDRO): – *A de deficiente.*

(MESTRE 2): – *Aaaa e deficiente é igual aleijado?*

(LUAN): – *Não... Aaaa, não sei.*

(OTAVIO): – *Deficiente é que tem alguma coisa nos ossos e aleijado não tem a perna.*

(MESTRE 2): – *Na verdade aleijado não deixa de ser um tipo de deficiência, mas é amputado né....* (a partir daí MESTRE 2 conta a história dos jogos, explicando seu trabalho, discutindo e explicando sobre as outras modalidades e os diversos tipos de deficiência e o que os atletas eram capazes de executar)

Após a discussão sobre os resultados dos atletas paralímpicos e as possibilidades e capacidades de pessoas com deficiência, André fala sobre seu tio com deficiência física (amputado): “– *Eu acho que ele podia trabalhar, porque ele anda normal. Ele até dirige carro, mas está afastado do trabalho*”.

Falando especificamente sobre os deficientes visuais, campeões paralímpicos de futebol, o professor pergunta se acham que eles jogam melhor ou pior que os alunos:

(LUAN): – *Melhor, claro eles estão nas olimpíadas!*

(ANDRÉ): – *Mas se a gente jogar contra com uma bola sem chocalho eles perdem.* (responde percebendo a necessidade de recursos especiais)

Em seguida, após um aluno comentar que tinha um deficiente que ficava pedindo dinheiro na rua, o professor questiona sobre isso:

(ANDRÉ): – *Legal não é, mas pelo menos eles não passam fome!*

(MESTRE 2): – *Mas eles não podiam trabalhar?*

(LUAN): – *Sim, se eles podem mexer as mãos, podem trabalhar com alguma coisa de informática.*

Em seguida após os alunos identificarem e discutirem sobre paraplegia, não conseguem responder e associar sobre a tetraplegia, Mestre 2 explica dando o exemplo dos títulos de futebol da seleção brasileira (tricampeão, tetracampeão e pentacampeão), alunos dizem entender e associam com a disfunção dos 4 membros.

Em seguida André e Luan dizem já terem estudado com 2 meninas com necessidades especiais, e após serem questionados pelo professor, dizem que ninguém conversa com elas, inclusive eles, mas não sabem identificar o motivo e o discurso segue:

(MESTRE 2): – *Você não namoraria com uma delas André?*

(ANDRE): – *Deus me livre!!!*

(MESTRE 2): – *Por que, ela é feia?*

(ANDRE): – *Ôôô...*

(MESTRE 2): – *Mas porque elas são feias ou por essa deficiência?*

(LUAN): – *Porque é feia*

(MESTRE 2): – *E se elas tivessem essa deficiência e fossem bonitas?*

(ANDRE): – *Ai eu ficava com elas...*

(LUAN): – *Eu não sei!*

(MESTRE 2): – *Olha, e se vocês conhecessem uma menina linda e que fosse cega. Vocês namorariam com ela?*

(LUAN): – *Namoraria se eu gostasse...* (Enquanto Luan responde, 2 colegas balançam a cabeça negativamente após a pergunta do professor).

(MESTRE 2): – *E se uma menina linda não tivesse perna, vocês namorariam?*

(LUAN): – *Ai é difícil*

(CARLOS): – *Ai ia ser só amigo né!*

(MESTRE 2): – *Quando é com a gente é difícil né. Tem que tomar cuidado, pois as vezes a gente critica o que as outras pessoas fazem e falam, mas porque não é com a gente né. Porque namorada a gente escolhe, mas se fosse um filho nosso com deficiência, será que vocês não iam conversar com ele, igual não conversam com a amiga da escola também? Se ele chegasse da escola e contassem pra vocês que os amigos não conversam com ele, como é que vocês ficariam?*

A discussão segue na tentativa de falar sobre a obesidade:

(MESTRE 2): – *E ser muito magro, será que é deficiência?*

(ALUNOS): – *Nãooooo!!!*

(MESTRE 2): – *E ser muito gordo?*

(LUAN): – *Ai é gula*

(CARLOS): – *É obesidade*

(MESTRE 2): – *E obesidade é deficiência?*

(ALUNO): – *É doença!*

(CARLOS): – *Então ser magro também pode ser né?!*

Ao final do encontro, Paulo chega e professor pergunta ao aluno sobre temas discutidos com todos durante a aula:

(MESTRE 2): – *E você que chegou agora amigo, você sabe o que é preconceito?*

(PAULO): – *Preconceito é não gostar de uma pessoa do jeito que ela é.*

(MESTRE 2): – *Legal, e você tem preconceito ou não?*

(PAULO): – *Não! Com algumas coisas só... Só com viado!*

(MESTRE 2): – *Legal, então na aula que vem vamos conversar sobre este preconceito então, beleza!*

(MESTRE 2): – *E qual mais tipo de preconceito existe? Ele falou dos homossexuais e qual mais?*

(ALUNOS): – *Sapatão, preconceito de negro, dos gordos, de boiola...*

(MESTRE 2): – *Olha ele falou preconceito dos negros e este está diretamente ligado com a capoeira. Vocês sabiam né?*

(LUAN): – *Sim, porque foram eles que vieram da África escravizados e criaram a capoeira...*

(MESTRE 2): – *E por que tinha preconceito com a capoeira?*

(ANDRE): – *Por causa da cor!?!*

(MESTRE 2): – *Legal, hoje a capoeira é só para os negros?*

(ALUNOS): – *Não!*

Mestre 2 encerra a discussão dizendo falando sobre o discurso do preconceito e as atitudes e relatos citados na aula:

(MESTRE 2): – *Bom, na aula que vem falamos mais. Mas no começo da aula todo mundo disse que não tinha preconceito, mas quando trouxemos a situação para perto de vocês, o que vocês disseram? Disseram que não conversavam com deficientes, não namorariam, falaram dos homossexuais. Vamos pensar bem então tá!*

Aula 30

Após discutirem, na semana anterior, importantes vertentes do preconceito como deficiência e obesidade, neste novo encontro de conversas em roda, Mestre 2 dá sequência aos debates abordando novos temas relativos ao preconceito.

A discussão foi aberta com Mestre 2 dizendo aos alunos que ele compareceu as aulas das novas turmas pela manhã e a turma estava lotada de meninas e se recordou da 1ª. aula do projeto, quando os alunos disseram que mulheres não poderiam fazer capoeira e deveriam fazer outras atividades:

(MESTRE 2): – *Mas a mulher não é melhor fazer crochê, música?*

(ALUNO): – *A mulher que escolhe!*

(ALUNO): – *Se ela gostar de esporte, pode fazer!*

(JEFERSON): – *Ela faz o que é melhor para a saúde dela!*

(MESTRE 2): – *Eu já estou contente, eu não sei se vocês lembram, no primeiro dia de aula que eu vim com vocês aqui...*

(JEFERSON): – *A gente falou que não podia né!*

(MESTRE 2): – *Isso, e vocês falaram que mulher faz aula de costura e de crochê, e agora vocês já estão com uma visão diferente heim...*

Em seguida começam as discussões sobre homossexualidade:

(MESTRE 2): – *E o que é boiola?*

(LUAN): – *Viado!*

(MESTRE 2): – *E o que é viado?*

(JEFERSON): – *Gay*

(ALUNO): – *Pederasta...*

(MESTRE 2): – *Pederasta?*

(CARLOS): – *Que gosta do mesmo sexo*

(LUAN): – *É homossexual*

(MESTRE 2): – *E é só homem ou pode ser mulher também?*

(JEFERSON): – *Pode ser mulher também!*

(CARLOS): – *Gay é só homem, mulher é lésbica*

(ALUNO): – *Pode ser sapatão também...*

(MESTRE 2): – *Você disse a aula passada que não tinha nem um tipo de preconceito, só com viado lembra. Por que? (Pergunta a Paulo)*

(CARLOS): – *Viado é nojento*

(PAULO): – Não vai. Eu posso até ter um amigo viado, mas que seja firmeza e não fica dando em cima.

(MESTRE 2): – Aaaa, então é a mesma coisa que mulher não é? Se tiver mulher que fica enchendo o saco é chato também, do mesmo jeito. Você não está afim, e fica pegando no pé é chato...

(ALUNOS): – É!

(PAULO): – Eu conheço pessoas que tem amigo que é viado!

(MESTRE 2): – Sabe de uma coisa. Na minha academia tem um monte de homossexual gente boa, os caras são na dele, treinam sério, pagam a academia em dia...

(CARLOS): – Eu tenho um primo que é...

(MESTRE 2): – Quando você não conhece nenhum, parece coisa do outro mundo. Mas quando você conhece, vê que não tem nada diferente da gente.

(CARLOS): – Eu não tenho preconceito nenhum, por causa dele!

(MESTRE 2): – O que ele tem de diferente de você?

(CARLOS): – Nada!

(MESTRE 2): – Lembram daquele jogador de futebol X?

(ALUNOS): – Sim!!!

(MESTRE 2): – Vocês acham que ele é homossexual?

(DANIEL): – Sim... Parece que ele assumiu no programa de TV!

(MESTRE 2): – *E vocês acham que isso pode atrapalhar a carreira dele?*

(ALUNOS): – *Podeeee*

(MESTRE 2): – *Por que?*

(LUAN): – *Porque os torcedores têm preconceito.*

(CARLOS): – *Aaaa os torcedores nada a ver, se o cara jogar bem, eles tem que gostar do cara!*

A seguir Mestre 2 começa a discutir com alunos a questão de respeito e enfrentamento aos professores da escola e do núcleo:

(MESTRE 2): – *Quem já tomou suspensão na escola porque já desrespeitou o professor?*

(ALUNOS): – *Eu, eu...* (alguns alunos respondem e outros levantam a mão)

(MESTRE 2): – *Você xingou o professor?*

(JEFFERSON): – *Xinguei!*

(MESTRE 2): – *Do que?*

(JEFFERSON): – *Pra tomar bem naquele lugar!* (responde de cabeça baixa e com vergonha)

(MESTRE 2): – *Pode falar cara, aqui é papo de amigo.*

(MESTRE 2): – *Mas por que, o que ela fez pra você?*

(JEFFERSON): – *A, ela é chata!*

(MESTRE 2): – *Mas só porque ela é chata você mandou ela tomar no cú?*

(PAULO): – *Ela é professora de 4^a. serie e arruma com tudo mundo...*

(JEFFERSON): – *E ela chega na sala gritando com “nóis”... até com quem está quieto!*

(MESTRE 2): – *E eu nunca vi vocês faltarem de respeito comigo e com o Mestre 1. Por quê?*

(DANIEL): – *Porque senão a gente morre...* (aluno responde sorrindo, dando a entender que os respeitam porque são bons de luta)

(LUAN): – *Por que se não ter respeito, vai ser tirado da capoeira!*

(MESTRE 2): – *Não cara, porque tem que se dar o respeito. Não tem professores que tratam vocês legal?*

(CARLOS): – *Tem uma professora que xingou a gente de cachorro!*

(MESTRE 2): – *Eu e o Mestre 1 já chamamos vocês assim? De verdade mesmo, vocês acham que se faltarem de respeito eu ou o Mestre 2 vamos bater em vocês?*

(ALUNOS): – *Nãooooo...*

(LUAN): – *Professor, eu acho que sou o único aluno que gosta daquela professora lá.*

(MESTRE 2): – *Você gosta dela?*

(LUAN): – *Lógico... Ela não me xinga!*

(MESTRE 2): – *Ela é legal André?*

(ALUNOS): – *Nãooooo* (Respondem alto vários alunos)

(ADRIANO): – *Tem até uma professora que deu um tapa na cara de um aluno...*

Aula 31

Entrevista Carlos:

Sobre as meninas:

(MESTRE 2): – *Lembra que a gente discutiu no começo do curso o lance das meninas, no começo não tinham meninas e vocês falavam que as meninas só podiam fazer outro tipo de aula e não capoeira. Não sei se você estava lá na época!*

(CARLOS): – *Sim, estava!*

(MESTRE 2): – *E agora de manhã já está com um monte de meninas, você sabia? Mais nove meninas! E o que você acha disso?*

(CARLOS): – *Legal, acho que menina também pode fazer capoeira.*

(MESTRE 2): – *Você sempre achava isso ou mudou sua concepção?*

(CARLOS): – *Sempre achei isso!* (Porem no início do projeto Carlos disse que não gostava que as meninas praticassem com os meninos, pois ocupavam o espaço deles).

Sobre os professores:

(MESTRE 2): – *E a escola, está indo bem?*

(CARLOS): – *Tô, tô.*

(MESTRE 2): – *Já repetiu algum ano?*

(CARLOS): – *Não, nunca!*

(MESTRE 2): – *Já tomou suspensão?*

(CARLOS): – *Não, só advertência.*

(MESTRE 2): – *Por que, disciplina?* (Carlos afirma que sim, balançando a cabeça positivamente)

(MESTRE 2): – *E aquele caso que vocês me falaram, de alguns alunos que enfrentavam os professores na escola.*

(CARLOS): – *Eu nunca enfrentei não, só fico de cara feia. Mas também tem alguns professores que passam do ponto. Tipo assim, eu estava precisando de nota... Estou precisando, e fui pedir um trabalho para ela, para eu não ficar de recuperação e ela disse que não, que eu baguncei o ano inteiro. Ai eu me segurei, mas não falei nada não. Agora o Jefferson é doido, ele falou assim pra ela, você*

não é professora não. Ele é doido! Eu só falo pra homem, e ele xinga todo mundo, homem ou mulher, quem estiver na frente.

(MESTRE 2): – Mas o Mestre 1, vocês não xingam!

(CARLOS): – O Mestre 1 respeita a gente, pô!

Sobre a família:

(MESTRE 2): – Mostrou aquela foto que eu te dei pro seu pai e pra sua mãe?

(CARLOS): – Não tenho pai não.

(MESTRE 2): – Ele faleceu? Você conheceu ele?

(CARLOS): – Conheci. Tipo, eu tenho pai. Mas ele sumiu por causa de droga, sabe.

(MESTRE 2): – Mas ele sumiu e você não sabe onde ele está?

(CARLOS): – Sumiu!

Sobre a homossexualidade:

(MESTRE 2): – E o lance lá, da homossexualidade, o que você acha?

(CARLOS): – Ah, eu tenho um primo gay, né. Então a gente acostuma. De boa.

(CARLOS): – *Tipo, eu não tenho preconceito com viado. Mas com sapatão eu tenho!*

(MESTRE 2): – *Tem? Por quê?*

(CARLOS): – *Ah, eu não gosto!*

(MESTRE 2): – *Por que, qual é a diferença?*

(CARLOS): – *Desculpa, sapatão não, to falando de travesti!*

(MESTRE 2): – *Qual a diferença de viado e travesti?*

(CARLOS): – *Travesti é mais nojento.*

(CARLOS): – *Meu tio é viado, mas é fortão e não usa roupa de mulher. Travesti usa peruca, saia... Credo.*

(MESTRE 2): – *E se fosse na Escócia? Sabe que lá os homens usam saia?*

(CARLOS): – *Mas saia curta, assim? (Coloca as mãos na parte alta das coxas)*

(MESTRE 2): – *Lá se tiver um homem de calça, pode ser que todo mundo olhe estranho. Igual você está falando agora!*

(MESTRE 2): – *Legal, e pra fechar. O que você acha que é preconceito?*

(CARLOS): – *É humilhar... Falar da deficiência do cara. Do negro e do viado também!*

Aula 32

Entrevista Jefferson:

Sobre as aulas:

(MESTRE 2): – *E o que você aprendeu nas aulas de capoeira?*

(JEFFERSON): – *Aprendi a cair melhor?*

(MESTRE 2): – *E fora das aulas, assim por exemplo: cada dia que eu vou dar aula pra vocês eu aprendo uma coisa.*

(JEFFERSON): – *Eu aprendi a ser menos respondão!*

(MESTRE 2): – *Mas o Carlos me falou que você boqueja com o professor e já tomou até suspensão. Por quê?*

(JEFFERSON): – *Porque eu respondi pra ele.*

(MESTRE 2): – *E quem é que tem culpa?*

(JEFFERSON): – *Na verdade ela começou a gritar comigo primeiro e me xingar. Ai eu respondi mesmo e o pior que eu já tinha sido suspenso antes, então peguei mais três dias.*

(MESTRE 2): – *Mas seu comportamento na capoeira, comigo e com o Mestre 1 é tão diferente. Por quê?*

(JEFFERSON): – *Tipo na escola tem uns professores muito chatos, que qualquer coisa começam a gritar com a gente. Bem diferente de vocês da capoeira.*

(JEFFERSON): – *E também na escola, a gente está de cabeça mais quente, porque fica pensando muito. Então fica mais estressado.*

Sobre as meninas:

(MESTRE 2): – *Você lembra que no começo do nosso grupo eu perguntei pra vocês porque só tinha homem lá? E vocês disseram que homem faz capoeira e mulhar faz unha, dança.*

(JEFFERSON): – *Ah, o núcleo que separava assim só a capoeira.*

(MESTRE 2): – *Mas foi você quem me falou que mulher fazia corte e costura...*

(JEFFERSON): – *Éééé... (Confirma sorrindo).*

(MESTRE 2): – *Você viu que agora, dois anos depois, tem mais mulher que homem... Por que você acha?*

(JEFFERSON): – *Eu acho certo, porque... que nem aquela menina lá que jogou com você, se quiser ela quebra a nossa cara! (Jefferson responde exaltando as qualidades técnicas de uma professora de capoeira que participou do batizado deles).*

(MESTRE 2): – *E o que acontece se ela jogar com você?*

(JEFFERSON): – *Eu levo uma surra!*

(MESTRE 2): – *Então quer dizer que agora mulher pode fazer capoeira ?*

(JEFFERSON): – *Pode sim!*

Sobre os deficientes:

(MESTRE 2): – *Você viu, tinha um deficiente jogando no batizado né. Você acha que eles têm que ter tratamento especial ou podem fazer tudo normal?*

(JEFFERSON): – *Precisamos ajudar, mas eles conseguem fazer tudo.*

(MESTRE 2): – *Você disse que não tem nem um tipo de preconceito né. Quando eu estava nas paraolimpíadas tinham as meninas do basquete de cadeira de rodas lá. Você namoraria com alguma cadeirante se você gostasse de alguma?*

(JEFFERSON): – *Aaaa, não sei. Me disseram que elas não podem ter relação sexual. É verdade?*

(MESTRE 2): – *Depende do que foi afetado pode mexer com a libido, mas pra tudo tem jeito. Mas então, a preocupação sua é só a relação sexual né?!*

(JEFFERSON): – *É!*

(MESTRE 2): – *Então quando você casar com alguém você vai casar só por sexo?*

(JEFFERSON): – *Por amor!*

(MESTRE 2): – *Você acha que pode ter amor sem relação sexual?*

(JEFFERSON): – *É, pode sim!*

Sobre homossexualidade:

(MESTRE 2): – *E você conhece algum homossexual?*

(JEFFERSON): – *Conheço o tio do Macarrão, sabe aqui da Vila, ele é!*

(MESTRE 2): – *Ele é gente boa, ou você não conversa muito com ele?*

(JEFFERSON): – *Ele é muito briguento.*

(MESTRE 2): – *Bom de porrada?*

(JEFFERSON): – *Barraqueiro!*

(MESTRE 2): – *Você conhece algum outro que seja gente boa, que você troca ideia?*

(JEFFERSON): – *Não aqui na Vila são todos barraqueiros!*

(MESTRE 2): – *Mas você acha que todo homossexual é barraqueiro?*

(JEFFERSON): – *Não, na escola do Carlos tem um que é maior gente boa.*

(MESTRE 2): – *Então se você conhecesse algum gente boa você teria amizade?*

(JEFFERSON): – *Teria, de boa!*

Aula 33

Neste encontro aconteceu, assim como em 2011, um novo batizado e troca de cordões para os alunos do núcleo integrado com os alunos da academia que os

Mestres 1 e 2 dão aulas. O evento aconteceu em um sábado à tarde fora do núcleo, na academia supracitada, os alunos foram de VAN e alguns com condução particular. Muitos levaram parentes e familiares para assistir e prestigiar o evento.

Assim como em 2011, o evento teve excelente caráter inclusivo e social integrando os alunos do núcleo com alunos externos, Mestres convidados e plateia. Porém destaca-se neste ano, a presença de alunos mais novos, 6 a 9 anos, que agora fazem parte de novas turmas da modalidade no núcleo e, principalmente, a presença de várias meninas de idade variadas que após muita resistência do núcleo e por parte dos alunos do gênero masculino, agora convivem juntos e integrados nas aulas de capoeira e, possivelmente, nos outros ambientes também.

Notou-se claramente, que os alunos que já estavam no projeto desde o início serviam de exemplo e modelo para os novos integrantes, que vivenciavam pela primeira vez esse tipo de evento que comumente deixa os novatos apreensivos e tensos. Além do aspecto positivo de servirem de exemplo para os mais novos, esse fato influenciou positivamente nos alunos antigos que se sentiram importantes e passaram a interagir e “cuidar” das meninas, dos menores e dos novatos espontaneamente fortalecendo a concepção de família no grupo, mesmo em relação aos que não tinham contato nas aulas por serem de turmas distintas.

Aula 34 (Encontro extra)

Apresentação externa: III Seminário Internacional “A Educação Medicalizada”

Este encontro, mesmo tendo ocorrido pós-etapa de coleta de dados oficial para a pesquisa, foi muito importante para os propósitos do trabalho. Os jovens foram convidados a participar de uma apresentação de capoeira em um congresso internacional, na cidade de São Paulo. Mestre 2, além dos jovens do projeto, já com meninas inseridas ao grupo, também convidou outros capoeiristas externos a participar juntos deste evento, inclusive uma professora da modalidade de São Paulo que levou um grupo com nove jovens com Síndrome de Down, praticantes de capoeira há alguns anos.

Além de dividir espaço no palco, recebendo calorosos aplausos da plateia, as crianças do projeto puderam dividir com as crianças portadoras de necessidades especiais, um contato mais próximo para interações nos momentos de preparação, aquecimento e lanche no camarim, antes da apresentação. Percebeu-se que nos primeiros contatos, os alunos especiais é quem tinham a iniciativa e desenvoltura para iniciarem as interações com os alunos do grupo, aparentemente estavam bem mais inibidos que os Downs, que chegavam dando as mãos e “puxando” papo com todos que lá estavam. Ao final da apresentação, bem mais desinibidos e cientes da competência técnica dos Downs em relação à capoeira, os alunos do núcleo já estavam bem mais a vontade brincando, conversando e abraçando os novos amigos durante a despedida.

No momento da volta para casa, já a noite e dentro da van que transportava a turma de volta ao núcleo, alguns interessantes comentários surgiram em bate papo informal entre os jovens e Mestre 1:

(CARLOS): – *Além deles serem especiais, eles ficam brincando e são alegres. Tem pessoa que não é tão alegre assim e não tem nada né.*

(JEFFERSON): – *Achei legal! Gostei bastante que os deficientes se “inturmou” com a gente, e a gente morrendo de vergonha nem falava nada com eles no começo.*

(ANDRÉ): – *Eu achei muito legal, porque é difícil a gente ver pessoas deficientes sorrindo e brincando... felizes!*

5. ESTIGMAS E PRECONCEITOS. EMERGÊNCIA E ENFRENTAMENTO

Subcategoria a- Agressões

Esta categoria surgiu pelos constantes episódios de agressões físicas e verbais entre os jovens; talvez, neste grupo de jovens, as agressões sejam mais visíveis do que em outros grupos sociais pela sua própria história de vida, assim como suas condições concretas de existência, com um contato próximo com a violência, drogas e criminalidade, comuns na região onde vivem e mesmo dentro dos lares, como relatado por alguns participantes durante as aulas. Grande parte das evidências de agressões notadas durante a pesquisa acontecia partindo dos jovens de maior estatura sobre os jovens mais baixos.

Aula Data	Evento
2 ^a . 05/05/2011	<p>Constantes episódios de agressões físicas e verbais dos maiores sobre os menores, principalmente de Jefferson sobre Luan, o menor do grupo. Jefferson, protagonista da maioria das agressões em Luan, também é agredido por Marcelo, único jovem maior que ele.</p> <p>Jefferson, além das agressões, não permite que as crianças menores “batam a corda”, durante uma brincadeira até intervenção do professor.</p> <p>Luan foi a única criança a formar dupla e conversar espontaneamente com as meninas que faziam sua primeira aula.</p> <p>Na mesma aula já surgem indícios de vantagens dos menores sobre os maiores dentro do jogo da capoeira, ao se destacarem em virtude da maior agilidade, coordenação e velocidade frente aos maiores.</p>

	Mestre 1 usa uma tradição cultural da modalidade, cumprimento (aperto de mão ou abraço), ao final do jogo, para promover interação e contato entre maiores e menores, e meninos e meninas.
5 ^a . 26/05/2011	Luan, criança menor que constantemente sofria as agressões, também parece ser perseguida por ter um nível socioeconômico mais elevado e boa relação com os professores do núcleo e da escola regular.
6 ^a . 02/06/2011	Agressões coletivas contra Luan durante a aula. Desta vez vários alunos, juntos, provocam até que ele comece a chorar.
7 ^a . 16/06/2011	Após pergunta de Jefferson, aluno que constantemente agredia os menores, se na capoeira pode “ <i>dar porrada</i> ”, os Mestres explicam a ideologia da capoeira, em que não é necessário bater para se mostrar um exímio capoeirista: “– ...as vezes você só encosta e já conta que acertou e nem precisa machucar o amigo. – Você ainda sai por cima, porque foi camarada com ele e o jogo fica mais bonito,”.
12 ^a . 01/09/2011	Mestre 1, surpreende o grupo utilizando uma música de capoeira para transmitir recado contra a violência. Ao cantar estimulando a briga e ofensa aos parceiros de capoeira, sob olhares atônitos do grupo, Mestre 1 arranca gargalhadas e palmas do grupo ao contradizer tudo cantando assim a última estrofe: “– <i>Tudo isso é brincadeira, colega véio. Porque brigar não está com nada háhá...</i> ”
13 ^a . 15/09/2011	Jefferson, agressor constante das crianças menores, chama Mestre 2 ao final da aula e, preocupado, pergunta sobre a possibilidade de receber a graduação no batizado, pois não se julgava tão hábil como outros participantes; Mestre responde que não apenas a capacidade técnica forma um capoeirista, mas outros atributos como tocar instrumentos, respeitar as tradições e principalmente respeitar os professores e companheiros.
15 ^a . 29/09/2011	Luan é a única criança a cumprir o combinado entre os professores e o grupo e comparecer num sábado para irem a uma apresentação de capoeira. Ao contar ao professor, perante o grupo que foi o único a comparecer, ganha ainda mais a antipatia dos outros participantes. Ocorrem, novamente, manifestações de preconceito contra a Capoeira. Sem nem mesmo tentar conhecer como são as dinâmicas das aulas ou as atuações dos professores frente aos alunos, a direção do núcleo associa qualquer briga ou “brincadeira

<p>25ª. 22/03/2012</p>	<p>de mão”, à implantação da modalidade, sem investigar os reais motivos ou associar a uma prática comum da adolescência em algumas ocasiões.</p> <p>Mestre 2 aproveita que Paulo insinua a rivalidade entre torcidas rivais de times de futebol da cidade, para discutir a questão da violência nos estádios e a importância do livre arbítrio e respeito para escolhas pessoais.</p>
----------------------------	--

Subcategoria b- Deficiência e doenças

Esta subcategoria emerge mais fortemente, após Mestre 1 voltar das Paralimpíadas de Londres 2012, onde atuou como preparador físico da seleção nacional de futebol para cegos, e os jovens terem acompanhado a conquista da medalha de ouro. No retorno do Mestre às atividades do projeto, percebeu-se muito interesse dos jovens em entender e discutir questões relacionadas às deficiências. Desta maneira os Mestres aproveitaram para associar o interesse e curiosidade dos jovens a situações cotidianas e de enfrentamento de preconceitos e estigmas pertinentes a esse tema.

Aula Data	Evento
<p>5ª. 26/05/2011</p>	<p>Ao serem convidados pelo professor a participar de uma aula com alunos portadores de AIDS, alunos não apresentam objeção e os professores de capoeira aproveitam a oportunidade para discutir e informar sobre a doença.</p>
<p>8ª. 24/06/2011</p>	<p>Ao final da apresentação interna, os Mestres convidaram a jogar capoeira, uma criança com deficiência física que assistia a apresentação. Diferentemente de muitas pessoas que se recusaram a participar da roda por não ter experiência com a modalidade, a criança prontamente aceitou o desafio e jogou com alegria e desenvoltura com vários Mestres e convidados, sob o olhar atento dos jovens do grupo.</p>
<p>28ª.</p>	

31/05/2012	<p>Ao ser questionado pelo grupo, sobre algumas questões da deficiência visual, Mestre 2 solicita que os alunos realizem uma das brincadeiras mais utilizadas e dominadas pelos jovens, pular corda, porém de olhos vendados. Após tentativas frustradas e esta nova atividade ser considerada “<i>impossível</i>”, pelos garotos, o professor pede silêncio e que preste atenção ao sinal sonoro das batidas da corda ao chão, guiando-as por um dos principais sentidos dos cegos.</p>
<p>29^a. 10/08/2011</p>	<p>Após Mestre 2 questionar Luan sobre a diferença entre jogos olímpicos e paralímpicos, o jovem responde: (LUAN): – <i>É porque um, todo mundo é normal e o outro é aleijado...</i> (MESTRE 2): – <i>É isso mesmo que ele falou?</i> (Após a pergunta, as crianças balançam a cabeça concordando com a resposta de Luan)</p> <p>Na mesma aula, conversando sobre os resultados dos atletas paralímpicos e as capacidades de pessoas com deficiência, André vê possibilidades de um tio afastado do trabalho (amputado), exercer algumas atividades: <i>“Eu acho que ele podia trabalhar, porque ele anda normal. Ele até dirige carro, mas está afastado do trabalho”</i>.</p> <p>Ao serem questionados sobre as possibilidades de relacionamento afetivo com meninas deficientes, alguns alunos têm respostas que indicam as dificuldades e ambiguidades no enfrentamento de preconceitos e estigmas:</p> <p>(MESTRE 2): – <i>Você não namoraria com uma delas André?</i> (ANDRE): – <i>Deus me livre!!!</i> (MESTRE 2): – <i>Por que, ele é feia?</i> (ANDRE): – <i>Ôôô...</i> (MESTRE 2): – <i>Mas porque elas são feias ou por essa deficiência?</i> (LUAN): – <i>Porque é feia</i> (MESTRE 2): – <i>E se elas tivessem essa deficiência e fossem bonitas?</i> (ANDRE): – <i>Ai eu ficava com elas...</i> (LUAN): – <i>Eu não sei!</i> (MESTRE 2): – <i>Ó, e se vocês conhecessem uma menina linda e que fosse cega. Vocês namorariam com ela?</i> (LUAN): – <i>Namoraria se eu gostasse...</i> (Enquanto Luan responde, 2 colegas balançam a cabeça negativamente após a pergunta do professor). (MESTRE 2): – <i>E se uma menina linda não tivesse perna, vocês namorariam?</i></p>

(LUAN): – <i>Ai é difícil</i> (CARLOS): – <i>Ai ia ser só amigo né!</i>
--

Subcategoria c- Meninos x meninas

Inicialmente o projeto contava apenas com meninos para as aulas de capoeira. Ao perceberem, os Mestres solicitaram a inclusão de meninas nas aulas à direção do núcleo, que autorizou. Porém após questionamento, discordância e pressão dos meninos pedindo à direção do núcleo que voltasse atrás na decisão e, novamente, proibisse a participação feminina, surpreendentemente o Núcleo acata a solicitação.

Aula Data	Evento
2 ^a . 05/05/2011	<p>Após Mestre 2 conseguir junto a direção que as meninas pudessem fazer aula com o grupo, os meninos opuseram-se à ideia criticando abertamente a participação feminina: “ – <i>Chega!</i>, – <i>Xôôô!</i> – <i>Sai daqui!</i>” Além de deixarem-nas isoladas durante as atividades.</p> <p>Luan, menor criança do grupo, e que sofria constantes agressões físicas e morais dos demais, foi a única criança a formar dupla e conversar espontaneamente com as meninas que faziam sua primeira aula.</p> <p>Mestre 1 usa uma tradição cultural da modalidade, cumprimento (aperto de mão ou abraço), ao final do jogo, para promover interação e contato entre maiores e menores, e meninos e meninas.</p>
3 ^a . 12/05/2011	<p>Após solicitação dos meninos, a direção do núcleo, novamente, proíbe as meninas em participar das aulas de capoeira.</p>

<p>7^a. 16/06/2011</p>	<p>Meninos proferem frases para cristalização de preconceitos em relação à mulher: “– <i>Mulher tem que fazer unha... homem, jogar capoeira e futebol. – Elas ocupam o nosso espaço!</i>”.</p>
<p>8^a. 24/06/2011</p>	<p>Professores inserem “casual e clandestinamente” as meninas nas atividades das aulas, pouco a pouco vão participando dos exercícios, interagindo e jogando capoeira com os meninos. Ao final, participam, com todos, do “grito de guerra”, onde os alunos gritam alegres e de mãos sobrepostas: “– <i>Capoeiraaaa!!!</i>”.</p>
<p>20^a. 10/11/2011</p>	<p>A apresentação de capoeira realizada no evento interno de fechamento do seMestre promoveu além da integração entre participante, professores, pais, alunos e convidados. Participaram meninas e mulheres com experiência e domínio da modalidade, mostrando que a mulher pode praticar a capoeira e conseqüentemente muitas atividades e funções.</p>
<p>23^a. 03/12/2011</p>	<p>Seis meses após serem proibidas de executar as aulas, as meninas ainda demonstram muita vontade em praticar a modalidade. Ao sair de suas atividades, de longe ficam batendo palmas e cantando as musicas de capoeira enquanto assistem os meninos nas aulas.</p>
<p>30^a. 22/11/2012</p>	<p>No evento externo, onde os Jovens receberam sua 1^a. graduação da modalidade e interagiram e jogaram capoeira com vários capoeiristas distintos (gênero, idade, etnia, deficiência), puderam jogar com meninas e mulheres de alta capacidade técnica e ficaram impressionados e com medo, inicialmente, em “lutar” com as mulheres, passando a respeitar, admirar e comentar constantemente sobre seus atributos técnicos.</p>
	<p>Inúmeras frases antagônicas ao início do projeto, quase dois anos atrás, mostram superação, mesmo que parcial, do preconceito de gênero, quando os jovens falaram sobre a participação feminina na capoeira:</p> <p>“(MESTRE 2): – <i>Mas a mulher não é melhor fazer crochê, música?</i></p> <p>(ALUNO): – <i>A mulher que escolhe!</i></p> <p>(ALUNO): – <i>Se ela gostar de esporte pode fazer!</i></p> <p>(JEFERSON): – <i>Ela faz o que é melhor para a saúde dela!</i></p> <p>(MESTRE 2): – <i>Eu já estou contente, eu não sei se vocês lembram, no primeiro dia de aula que eu vim com vocês aqui...</i></p> <p>(JEFERSON): – <i>A gente falou que não podia né!</i></p>

<p>33^a. 01/12/2012</p>	<p>(MESTRE 2): – <i>Isso, e vocês falaram que mulher faz aula de costura e de crochê, e agora vocês já estão com uma visão diferente heim...</i>”</p> <p>Após quase dois anos, que as meninas foram coagidas pelo grupo de meninos e proibidas pela direção do núcleo em praticar capoeira, no evento deste ano havia inúmeras meninas 7 a 14 anos, recebendo sua primeira graduação na modalidade. Integradas ao grupo e felizes, elas jogaram, cantaram e interagiram com outros capoeiristas de vários locais, além dos meninos do grupo.</p>
---------------------------------------	--

Subcategoria d- Obesidade

Um dos jovens que participava do projeto era obeso, com peso e percentual de gordura bem acima dos demais participantes, inclusive do irmão que era um dos mais hábeis para a prática da capoeira. Esta criança, tanto dentro quanto fora das atividades de capoeira era alvo constante de gozações em relação a seu peso e desqualificando suas potencialidades. Conseqüentemente, o jovem apresentava pouca interação, participação e motivação, principalmente, em relação à prática de atividades físicas, em que o irmão constantemente se destacava. Muitos diálogos e episódios interessantes ocorreram durante o período de coleta de dados e nos fizeram refletir, entender e aprender em relação a este relevante tema associado ao enfrentamento de estigmas e preconceitos. Inclusive nos fazendo rever nossas próprias práticas e preconceitos.

Aula Data	Evento
1 ^a . 28/04/2011	Durante uma dinâmica lúdica em que as crianças passavam entre as pernas das outras rastejando, Thales, criança acima do peso

	<p>das demais, foi alvo de gozações das outras crianças: “– <i>Olha o gordinho!</i>”, “– <i>A baleia!</i>”, “– <i>Vai entalar!</i>”.</p> <p>Thales nega-se a participar das atividades em que os colegas teriam que carregá-lo e, também, não retira a camiseta, conforme solicitado, durante uma atividade lúdica.</p> <p>Thales recebe o apelido, Tonelada, de Mestre 2.</p>
<p>4^a. 19/05/2011</p>	<p>Quando os professores aferiam a pressão arterial e o batimento cardíaco das crianças do grupo, ao perceberem que os valores de Thales eram diferentes dos demais, os alunos disseram: “–<i>Xiii, vai morrer!</i>”, “– <i>Ele come muita porcaria, chiclete e gordura!</i>”.</p>
<p>6^a. 02/06/11</p>	<p>Nota-se ao fundo da filmagem que alguns alunos levantam a camiseta, comparando a região abdominal e exibindo a musculatura contraída aos colegas.</p> <p>Thales além de se envolver em atividades de que antes não participava, demonstra liderança, durante uma atividade lúdica de aquecimento, ao contar espontaneamente até 3, em voz alta, para que todos as crianças passem juntas pela corda, inclusive liderando a corrida.</p>
<p>11^a. 25/08/2011</p>	<p>Alunos iniciam gozações com o apelido de Thales na capoeira, Tonelada.</p> <p>Mestre 2, passa a chamar Thales de Tone, abreviando o apelido Tonelada.</p>
<p>13^a. 15/09/2011</p>	<p>Conversando informalmente com os alunos, Mestre 1 cita uma renomada lanchonete da cidade chamada “Gordão Lanches”, Joel olha para Thales e zombando do colega diz que a lanchonete é dele.</p>
<p>14^a. 22/09/2011</p>	<p>Após cada aluno receber de presente dos professores a tão esperada camiseta de capoeira, Thales é a única criança que não retira a blusa que estava e veste o novo uniforme por cima da outra.</p>
<p>17^a. 20/10/2011</p>	<p>Após Mestre 2 dizer ao grupo que quando Thales tornar-se Mestre de Capoeira será apresentado, nos eventos, como Mestre Tonelada, o aluno sorri e diz orgulhoso: “– <i>Euuu!</i>”</p>
<p>20^a. 10/11/2011</p>	

<p>26^a. 29/04/2012</p>	<p>Durante a roda de capoeira no final da aula, Thales, aplica uma queda em um dos alunos mais hábeis do grupo. Nota-se a alegria dos professores no momento da ação e até mesmo do oponente que sorri parecendo estar feliz com a destreza do colega.</p> <p>Após Mestre 2 chamar Thales de Tone, Nilson intervém tentando defender o amigo dizendo: “<i>Chamar ele assim é bullying.</i>”, em seguida, Thales sorrindo, diz: “<i>Bullying é Gordinho!</i>”.</p>
---------------------------------------	---

Subcategoria e- Corpos e desejos. Poder habitar o corpo.

Após os Mestres perceberem as restrições do grupo em participar de atividades que envolviam o contato corporal com os professores e colegas e a malícia constantemente presente, aflorando em muitos diálogos e brincadeiras, a capoeira se mostrou importante ferramenta para contribuir no processo de enfrentamento e análise deste tipo de preconceito, inclusive com discussões relevantes à sexualidade e homossexualidade, tão paradigmática nesta idade. Interessantes situações e discussões são provocadas pelos Mestres, outras surgem espontaneamente e são exploradas e mediadas pelos mesmos no decorrer do projeto e muito contribuíram para o contexto das discussões referentes ao tema principal desta pesquisa.

Aula Data	Evento
<p>1^a. 28/04/2011</p> <p>7^a.</p>	<p>Durante a dinâmica lúdica de passar rastejando sob as pernas dos alunos enfileirados, os alunos passavam a mão na bunda e tiravam sarro dos colegas que executavam a tarefa.</p> <p>Na mesma aula os professores ao perceberem o receio no toque corporal, os professores já introduzem trabalhos e dinâmicas que estimulem o contato por meio de atividades da capoeira.</p>

16/06/2011	Após queda de Paulo – uns dos líderes do grupo, que iniciava muitas das ofensas aos amigos e de relação não tão próxima com os professores – durante tentativa de movimento, Mestre 2 abraça fortemente o jovem, que não oferece resistência, mas parece achar estranho o contato.
9 ^a . 11/08/2011	Durante uma musica de capoeira, cantada por Mestre 1, os jovens maliciaram a frase que dizia: “Entrar no pau”, tirando sarro de outros jovens. Joel ajuda espontaneamente um dos amigos que não conseguia realizar um movimento da capoeira, envolvendo com os braços as costas do amigo, para que ele não caia de cabeça. Esse tipo de ajuda, com contato corporal, não era observado em outras ocasiões iniciais; ao contrário, alunos se negavam a um contato corporal mais próximo.
11 ^a . 25/08/2011	Daniel, que em eventos anteriores apresentava-se constrangido e com receio de ser abraçado pelo professor, agora já responde bem às brincadeiras e ao contato do professor. Após o professor brincar e abraçá-lo, o aluno já sorri e parece gostar da brincadeira e contato do professor.
12 ^a . 01/09/2011	Ao perceberem que pela primeira vez uma cinematografista feminina acompanharia as aulas o grupo muda nitidamente o comportamento. Olhares, conversas baixas com os colegas e silêncio incomum durante as atividades. Após aversão e resistência em realizar uma brincadeira, em que ficariam enfileirados e abraçados pela cintura, para que o outro grupo pulasse sobre suas costas, ao realizarem a atividade a pedido dos professores, rapidamente esqueceram as malícias imaginadas no inicio da explicação e envolveram-se plenamente na brincadeira, inclusive, tornando-a uma das brincadeiras favoritas do grupo e continuamente solicitada.
29 ^a . 09/11/2012	Ao chegar atrasado numa discussão sobre deficiência, Paulo desvela seu preconceito, ao dizer que “ <i>não tenho preconceito, só com viado!</i> ”.
30 ^a . 22/11/2012	Ao questionar Paulo sobre o homossexualismo, Carlos antecipa a resposta do colega dizendo: “ – <i>Viado é nojento!</i> ”

O mesmo aluno que no início da discussão disse não gostar de “viado”, porque é “nojento”, diz frases que revelam sua ambiguidade sobre o tema, o que indicia a possibilidade de superação de estigmas e preconceitos em relação à homossexualidade:

(CARLOS): – *Eu tenho um primo que é...*

(MESTRE 2): – *Quando você não conhece nenhum, parece coisa do outro mundo. Mas quando você conhece vê que não tem nada diferente da gente né.*

(CARLOS): – *Eu não tenho preconceito nenhum, por causa dele!*

(MESTRE 2): – *O que ele tem de diferente de você?*

(CARLOS): – *Nada!*

(MESTRE 2): – *Lembram daquele jogador de futebol X?*

(ALUNOS): – *Sim!!!*

(MESTRE 2): – *Vocês acham que ele é homossexual?*

(DANIEL): – *Sim... Parece que ele assumiu no programa de TV!*

(MESTRE 2): – *E vocês acham que isso pode atrapalhar a carreira dele?*

(ALUNOS): – *Podeeee*

(MESTRE 2): – *Por que?*

(LUAN): – *Porque os torcedores tem preconceito.*

(CARLOS): – *Aaaa os torcedores nada a ver, se o cara jogar bem, eles tem que gostar do cara!*

6. RELAÇÕES ENTRE PROFESSORES E ALUNOS

Esta categoria, inicialmente categorizada como subcategoria, despontou após constantes e contínuas situações de interações e diálogos entre os jovens e Mestres que destoavam das queixas da escola regular para o núcleo, de alguns relatos das famílias e das observações de atitudes e comportamentos dos jovens com professores de outras modalidades, que indicavam, por muitas vezes, situações de confronto, discussões, desrespeito e até agressões com outros adultos. Este tópico foi destacado como categoria, como dito anteriormente, por estar presente em todos os momentos, diagonalizando-os, e relacionado com a maioria das situações de enfrentamento e mediação dos medos, estigmas e preconceitos em todas as subcategorias descritas neste projeto.

Aula Data	Evento
2 ^a . 05/05/2011	Mestre 1, escolhe constantemente os mais hábeis para demonstrar os movimentos corretos, sempre elogiando e usando os mesmos jovens como exemplo.
3 ^a . 12/05/2011	Mestre 1, ao invés de corrigir e incentivar os menos participativos quando estão demonstrando um golpe, pede para que saiam e chama outro aluno mais hábil para mostrar “a maneira correta”.
6 ^a . 02/06/2011	Mestre 1 elogia uma dupla que não recebia elogios constantes; prontamente todos os alunos aplaudem a dupla e os dois sorriem satisfeitos e integrados.
7 ^a . 16/06/2011	Os Mestres antes do início da aula, brincam e batem papos informais com os alunos. Nesta interação muitas risadas e brincadeiras, geram proximidade e fortalecem vínculos de amizades desfazendo-se apenas a relação aluno/professor.
10 ^a . 18/08/2011	Mestre 2 privilegia as dinâmicas e intervenções de incentivo, interação e afeto para os alunos com menos destaque e menor habilidade para a prática da capoeira, principalmente para os alunos que recebem críticas e broncas por ajustes técnicos da modalidade de Mestre 1.

<p>11ª. 25/08/2011</p>	<p>Crescem as intervenções positivas de Mestre 1 em relação aos alunos que não se destacavam na modalidade: “– Vocês tem que botar na cabeça que tudo é possível. Eu aprendi, vocês são novos e inteligentes aprendem também.”.</p>
<p>14ª. 22/09/2011</p>	<p>Na ausência de Mestre 2, Mestre 1 opta pelo método conservador, fracionado e tecnicista de ensino em detrimento ao método sistêmico, global e lúdico das outras aulas. Provavelmente, como resposta, temos pouco envolvimento e participação dos jovens nas atividades desencadeando uma longa e desgastante conversa de Mestre 1 com o Grupo.</p>
<p>15ª. 29/09/2011</p>	<p>Uma pessoa da direção do núcleo, sem saber que a aula estava sendo filmada entra em conflito e discussão ríspida com um aluno, inclusive o insultando e chamando de tonto.</p>
<p>17ª. 20/10/2011</p>	<p>Após a aula anterior ter apresentado problemas de participação e envolvimento com o método tecnicista e fracionado, os professores experimentam uma aula lúdica, complexa e sistêmica, em que ocorre muita participação, envolvimento e evolução “técnica” da modalidade.</p>
<p>18ª.</p>	<p>Professores tentam estreitar a relação com os alunos, realizando uma aula alusiva ao dia das crianças. Nesta aula, além de incluir atividades que normalmente os jovens não realizavam no núcleo (jogo de futebol, corrida do saco, etc), os professores entregaram balas e doces com um bilhete com estrofes de músicas de capoeira que vão de encontro ao propósito do projeto:</p> <p><i>“Ouvindo as histórias do Mestre Eu fico a imaginar, Dou asas a meus pensamentos Eu sou livre para voar Feliz dia das crianças! “Mestre 1, Mestre 2 e Roberta (Cinematografista)”</i></p> <p><i>“Na roda de capoeira Todos têm o seu valor Respeitando o aluno E também o professor Feliz dia das crianças! “Mestre 1, Mestre 2 e Roberta (Cinematografista)”</i></p>

27/10/2011	Depois de muita “luta” os Mestres conseguiram por meio de amigos, a doação das tão esperadas calças de capoeiras para cada aluno. Todos expressavam no olhar felicidade e agradecimento aos professores.
21 ^a . 17/11/2011	Provavelmente, diferente do que acontece ao final da maioria das aulas na escola regular, há uma alegre e contagiante interação entre professores e alunos que de mãos agrupadas cantam uma estrofe de música da modalidade e gritam seu tradicional “grito de guerra” ao final da aula: “1, 2, 3... Capoeiraaaa!”
24 ^a . 15/03/2012	Os professores permitem que Paulo e Nilson fiquem de óculos escuros e bonés para trás durante o início da aula, brincam com os adereços dos garotos, que os tiram espontaneamente durante os exercícios da modalidade, pois os adereços atrapalhariam.
26 ^a . 29/04/2012	Daniel disse ter ido assistir a outra aula de capoeira na comunidade e compara os comportamentos e atitudes de desrespeito às tradições da modalidade e aos Mestres pelos alunos que participavam da aula, diferentemente do observado no grupo. Professores ficam plenamente satisfeitos, pois o respeito às tradições e aos Mestres foram conquistados sem imposição, mas sim de acordo com os objetivos do projeto.
30 ^a . 22/11/2012	Em discussão de roda, alunos citam que discutem, brigam e ofendem alguns professores da escola regular, pois em, algumas ocasiões, professores faltam com respeito e também ofendem os alunos. Além disso, dizem que os professores do Grupo os tratam com respeito, dignidade e diálogo. Os Mestres relatam que não apresentam problemas com desrespeito e ofensas com os alunos acusados na escola regular.

Importante ressaltar que em diversos episódios contidos não apenas nesta categoria, mas em todas as outras subcategorias, notam-se claramente situações de estigmas e preconceitos iniciadas e/ou evidenciadas também pelos Mestres. E de minha parte que além de Mestre, envolvido e imerso neste estudo também como principal pesquisador, fui prova viva e constante de situações que me fizeram constranger e refletir, mas acima de tudo construir novos saberes, enfrentando e

superando estigmas e preconceitos que me acompanhavam. Porém em outras situações mais cristalizadas e enraizadas, ainda me pego, principalmente quando deito para dormir, em constantes embates, reflexões e reencontros que já me servem como motivação e esperança para quebra de paradigmas, preconceitos e estigmas. Desta maneira, tornando-me parte integrante no processo de transformação em um mundo mais justo.

7. PRECONCEITO, UM IDEÁRIO RESISTENTE. MAS, É NECESSÁRIO E POSSÍVEL ENFRENTAR

Nota-se no decorrer das aulas, uma lenta e incipiente, mas progressiva mudança em valores, conceitos e modos de agir na maioria das crianças e adolescentes, na relação com seu próprio corpo e o corpo de outro, relações de respeito com o outro, de aceitação de diferenças e da diversidade que caracteriza e enriquece a humanidade. Observam-se evidências das possibilidades reais do enfrentamento e superação de medos, estigmas e preconceitos que aparecem progressivamente nos diálogos.

Como seria de se esperar, lidando com uma categoria de pensamento cristalizada e apoiada na intolerância – e mesmo ódio – aos que pensam e/ou vivem de um modo diferente “do meu”, esse não é um processo tranquilo e linear. Preconceitos e estigmas não se inscrevem em um ideário facilmente enfrentado e superado. Mas, apesar das dificuldades, é fundamental enfrentá-los.

Assim, o percurso observado nos diálogos ao longo dos relatos das aulas, é permeado de ambiguidades e contradições, em processos de avanços e retrocessos, de idas e vindas, no enfrentamento de ideias cristalizadas e que resistem a infinitas negações nos embates com a vida cotidiana, como bem discutiu Heller (2000).

A apresentação dos diálogos e situações, das cenas, em quadros síntese para cada subcategoria (poderíamos falar em reapresentação) foi feita exatamente para permitir apreender estes movimentos, estas possibilidades de movimentos, com mais facilidade pelo leitor.

Os enfrentamentos, mudanças e superações acontecem mais intensamente em algumas categorias do que em outras, por exemplo: nas categorias de gênero e obesidade observam-se avanços nítidos de enfrentamento dos preconceitos e estigmas com mudanças progressivas de diálogos, gestos e atitudes.

Durante as aulas iniciais, emergem situações que evidenciam a constituição coletiva do preconceito (Heller, 2000) e a atribuição de marcas já acordadas como negativas, caracterizando o estigma (Goffman, 1975); por exemplo, quando as crianças do grupo atribuem a Thales apelidos e rótulos: “– *Gordinho, Baleia, – Vai entalar, – Gordão, – Xiii, vai morrer, – Come muita porcaria, chiclete e gordura*”, ou quando as meninas são estigmatizadas e proibidas pela direção do núcleo em fazer uma atividade que só os garotos poderiam e escutam frases que atestam esta marca: “– *Meninas fazem unha e costura, homens jogam futebol e capoeira*”. Mais adiante, após ter sido mais uma vez estigmatizado, Thales se nega a participar das atividades que expõem sua obesidade (ser segurado por outras crianças e tirar a camiseta); do mesmo modo, as meninas expressam como o preconceito de gênero está incorporado inclusive por elas, quando não reagem as ofensa dos meninos e ficam acudadas e isoladas durante as atividades. Neste contexto, Mattos et al. (2012) discutem como a humilhação é internalizada e, em algum momento, será manifestada pelo indivíduo.

No episódio em que algumas crianças levantam a camiseta para exhibir aos amigos o abdome forte e magro, vem à tona a questão discutida por Mattos & Luz (2009), quando afirmam que a supervalorização da magreza na sociedade atual, transforma a gordura em um símbolo de falência moral. A partir desse referencial, fica mais claro entender as constantes ofensas e agressões embutidas nas brincadeiras e chistes com pessoas que não correspondem a ideais de corpo vigentes, em uma sociedade submissa a uma ditadura estética. Thales sofre essas brincadeiras o tempo todo, e a elas se submete, em uma atitude que pode ser entendida como mais uma “prova” de sua falência moral.

No decorrer das aulas, os diálogos, atitudes e participação de Thales se modificam, indiciando que a ênfase nos aspectos socioculturais, afetivos e psicológicos, adotada no projeto, influencia positivamente no enfrentamento e superação de medos, estigmas e preconceitos (Puhl et al., 2010).

Segundo Antunes & Zuin (2008), o preconceito não deve, nem pode, ser combatido por meio de imperativos morais e sim pela reconstituição das experiências sociais. Esta tentativa de reinventar vivências para reconstitui-las e ressignificá-las aconteceu várias vezes no projeto; talvez o caso mais emblemático seja a reação dos meninos ao vivenciarem novas situações de convívio com o gênero oposto, como quando interagiram e jogaram com exímias capoeiristas nos eventos externos, podendo assim reconstruir situações, vividas de modos diferentes do que acontecia em ocasiões passadas; desta maneira, provavelmente, pode-se contribuir para a formação de novos conceitos, valores e juízos.

Essas questões têm sido muito discutidas em relação à obesidade, por ser um tema cada vez mais pesquisado. Willians et al. (2012) afirmam que crianças com sobrepeso e obesidade que mantêm atitudes e sentimentos positivos em relação a sua aparência, podem ser protegidas de efeitos psicológicos graves como a depressão e transtornos alimentares. Sem dúvida, Thales não apresentava indícios de uma boa relação com seu próprio corpo, com seu peso e aparência; entretanto, a partir da reconstituição de suas vivências, sua relação consigo mesmo e com o grupo se modificou, passando inclusive a se destacar e liderar o grupo em algumas atividades. Todo o grupo se transformou – ou, pelo menos, iniciou uma transformação – pela evidência de que características marcadas negativamente, como estigmas podem se revelar positivas, o que pode iniciar o processo de reconhecer, valorizar e acolher as diferenças que nos constituem enquanto humanidade.

Devemos destacar a importância do contato afetivo com os aspectos culturais que envolvem a Capoeira e suas tradições, princípios e ritos durante as aulas, destacados na abordagem histórico-cultural de Vygotsky, que coloca a cultura como matéria prima do desenvolvimento humano (Pino, 2005). Certamente, isto pode propiciar um sentimento de pertença, de inclusão, de identificação, fortalecendo a auto-estima. Outro fator de extrema relevância que pode ter contribuído para o enfrentamento e superação dos medos, estigmas e preconceitos, foi a dinâmica das atividades embasada na perspectiva da metodologia sistêmica¹

¹ A abordagem metodológica sistêmica visa compreender o aspecto global dos jogos coletivos, não os enxergando de forma fracionada ou presa a uma técnica isolada do e no jogo, mas sim no âmbito de processo, da complexidade e da globalidade. Scaglia *et al.* (2013) ao

e na abordagem de uma educação inclusiva e afetiva. Em nosso projeto de pesquisa para o Mestrado, sobre possibilidades da capoeira em pessoas com deficiências múltiplas e severas (Santos, 2010), mostramos como projetos educacionais que visem a ampliação das relações sociais, a participação em grupo, o contato com adultos e a aprendizagem em uma abordagem complexa e afetiva, podem contribuir de forma ímpar no processo de desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Contestando a abordagem tradicional de ensino na educação física, que enfatiza a técnica como centro das atenções, Garganta (1995), Daólio (2002) e Scaglia et al. (2013) utilizam um conceito cultural de técnica corporal, a partir do qual deve ser considerado o significado de todo e qualquer movimento no seio de uma dada sociedade. Esses autores analisam o ensino dos gestos técnicos, não somente a partir da dimensão da eficiência, mas dentro de contextos culturais específicos, considerando também a eficácia simbólica. Nesta pesquisa, ocorreram situações em que predominava a abordagem tradicional e outras, a maioria, em que se usou a abordagem sistêmica articulada com dinâmicas lúdicas, em decorrência de diferenças entre os dois Mestres/professores; são nítidas as diferenças nas ações e reações dos participantes em função da abordagem educacional utilizada.

Garganta & Gréhaigne (1999), ao estudar o ensino do futebol, afirmam que os métodos tradicionais que reproduzem movimentos isolados não são eficazes porque não consideram o contexto do jogo. Seus conceitos também podem ser observados neste estudo, ajudando a entender as dificuldades de envolvimento,

discutir o processo organizacional sistêmico dos jogos desportivos coletivos, integra a importância de várias estruturas no processo de aprendizagem, desenvolvimento e treinamento: condições externas, regras, jogadores e seus esquemas motrizes (pag. 237).

participação e interação entre o grupo e alunos/professor quando da tentativa de aulas com padrões mais técnicos, com movimentos fracionados, em detrimento de atividades lúdicas, complexas e sistêmicas que, em contraste, permitem reunir e organizar os conhecimentos a partir da interação e da complexidade da dinâmica do jogo e da cultura. Somente na roda do jogo, na roda da cultura, Thales, “o gordinho” que se negava a participar das atividades e era alvo das gozações pode se tornar “o Tonelada”, que participa, lidera, derruba os amigos na roda de capoeira, criando forças para enfrentar e derrubar estigmas, medos e preconceitos fora dela.

As meninas, antes excluídas pelos colegas e pela direção do núcleo da prática da capoeira, também conquistam seu lugar na roda do jogo e hoje dividem o espaço, as vagas e principalmente a alegria em realizar uma prática que carregou por muitos e muitos anos, em sua essência, a luta por liberdade, rompendo agora, mais uma barreira de estigma e preconceito assim como o fez no tempo da escravidão.

Essa abordagem educacional facilita uma relação de respeito entre todos, no grupo e o respeito é essencial, se se pretende valorizar, evidenciar e criar valores que possam fortalecer e se enraizar na vida cotidiana, transformando os modos de viver e de ser, e desenvolvendo noções e ações de reconhecimento e valorização das diferenças, do outro. Apesar da lentidão e das oscilações, é possível observar, em diversas ocasiões nesta pesquisa, como o respeito entre os pares foi sendo construído e, paralelamente, as agressões foram diminuindo. Sem dúvida, esse processo é mais difícil e lento em grupos que vivem em contato próximo com a violência e necessitam desenvolver mecanismos de defesa, que os fortaleça e, de

certa forma, os proteja; em um ambiente violento, a violência costuma ser uma defesa, pela integração ao grupo dominante.

Entretanto, é possível – e necessário – tentar fazer diferente. A aceitação, paciência, empatia, o respeito e diálogo dos Mestres, sem perder a autonomia e o controle sob o grupo, foram fatores importantes neste processo, que, mesmo incipiente, deve ser valorizado pelas potencialidades que permite vislumbrar.

Todo este processo observado nesta pesquisa, as características dos participantes, suas mudanças, inclusive sentindo-se confiantes para expressar suas qualidades, seus “pontos fortes”, contrasta com o que estes mesmos meninos relatam acerca de suas experiências na escola regular e com o que essa escola relata sobre eles. Tão chocante quanto as relações estabelecidas no interior da escola, é a relação da direção do núcleo com eles; observamos agressões gratuitas, permeadas de preconceito de classe.

Em um espaço que se propõe a atender crianças e adolescentes das classes populares, onde, por isso mesmo, esperávamos encontrar práticas diferentes.

As reflexões de Marilena Chauí (1998; 2007) sobre ética, cidadania, política pública, ajudam a pensar o que acontece hoje nos espaços escolares, com uma onda crescente de agressões entre todos. Se a escola não se funda em respeito, valorização das diferenças, acolhimento de todos e todas, abre-se o caminho para a violência.

Nas conversas em que surgiram questões relacionadas à deficiência e à sexualidade, e mais especificamente homossexualidade, podemos observar que a

ambiguidade e as oscilações são mais presentes, sendo difícil identificar um avanço real na quebra de preconceitos.

Frente a uma provocação dos Mestres, muitas vezes os alunos respondem mostrando-se mais disponíveis a rever pré-conceitos e a construir outras possibilidades. Porém, em uma próxima oportunidade, as falas tendiam a expressar preconceitos cristalizados. Este processo, com oscilações, avanços e retrocessos, aconteceu durante toda a pesquisa. Presente em todas as subcategorias estudadas, manifestava-se em cada uma em diferentes intensidades e frequências.

Assim, por exemplo, estas idas e vindas são bem menos frequentes em relação à obesidade e gênero do que nas demais; no outro extremo, deficiência e, principalmente, sexualidade são as categorias em que são mais presentes.

Uma explicação talvez seja a proximidade que a categoria tem com a vida cotidiana dos jovens. Assim, a subcategoria sexualidade – exatamente em que observamos maior resistência – permaneceu todo o tempo como categoria teórica de pensamento, sem qualquer possibilidade de experienciar vivências diferentes, de reinventar as experiências, reconstruindo concepções. Em contraste, obesidade e gênero permearam todas as relações no interior da pesquisa, e aí observamos uma maior possibilidade de que se tenha iniciado o enfrentamento e superação de estigmas e preconceitos.

Porém, destacamos que os preconceitos relativos aos modos de viver a sexualidade tendem a ser mais cristalizados e arraigados, em especial quando se trata de relações que desafiam a heteronormatividade. Acrescente-se, ainda, que

esse é um ideário que vem sendo cada vez mais amplificado por uma onda de moralismo exacerbado e de fundamentalismo religioso, que invade a vida cotidiana. Se todo preconceito é resistente às negações nos embates com a vida e à racionalidade, como bem discute Agnes Heller (2000), a sexualidade evoca questões mais complexas, que potencializam sua estigmatização, um tema que extrapola os limites desta pesquisa.

O tema da deficiência, por sua vez, surgiu nas conversas também em função de um dos Mestres ter treinado a equipe brasileira de futebol de 5 (categoria exclusiva para cegos), que ganhou a medalha de ouro na Paralimpíadas de Londres 2012. Apesar de também ser apenas uma categoria teórica de pensamento, a relevância de seu Mestre ter sido campeão estabelecia, sem dúvida, uma relação de afeto, resignificando-o. Teórico, mas não tão distante como a homossexualidade, porém ainda sem vivências frequentes, como a obesidade e questões de gênero.

Iniciamos este capítulo falando das dificuldades de romper pensamentos cristalizados e marcados pela intolerância, desrespeito e ódio.

Encerramos, reafirmando essa dificuldade e lembrando que, mesmo quando conseguimos avançar, não observamos uma evolução progressiva e constante. Entretanto, reafirmamos, também, a possibilidade e a necessidade de enfrentarmos essa dificuldade e buscarmos romper preconceitos.

Reinventar e reconstituir novos valores, viveres e saberes, em um processo fundado no respeito, no acolhimento, na cultura pode ser um modo de avançarmos na construção de outros futuros.

8. À GUIA DE INCONCLUSÕES

Neste estudo, apreendemos que, ao trabalhar com modos de pensar e de viver a vida cristalizados, enrijecidos, quando se consegue avanços, eles não ocorrem em evolução contínua e linear, mas sim em idas e vindas que muitas vezes se manifestam como ambiguidades.

Este trabalho deve ser baseado no respeito e no diálogo, propiciando a reinvenção de experiências, criando outras maneiras de vivenciar situações e relações, de modo a construir novos saberes, apoiados em valores mais solidários e éticos.

A capoeira constitui uma modalidade esportiva bem aceita por jovens e adolescentes e inserida na história e na cultura do povo brasileiro; se trabalhada integrando a atividade física à história e à cultura, pode ser um instrumento a mais na luta por uma sociedade menos fundada em preconceitos.

Finalizando, este estudo pode contribuir para indicar que estigmas e preconceitos, fundados na intolerância, ignorância e no ódio, podem sim – e devem –, ser enfrentados e superados, especialmente em processos mediados pela educação, pela cultura, pelo afeto e pelo respeito.

REFERÊNCIAS

Almeida B. Capoeira, a Brazilian art form: History, philosophy, and practice. North Atlantic Books; 1986.

Antunes DC & Zuin AAS. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicologia & Sociedade* 2008; **20**, 16-32.

Araújo PCD. Abordagens sócio-antropológicas da luta/jogo da capoeira. Maia, Portugal, Instituto Superior de Maia; 1997.

Bastos JL, Gonçalves H, Faerstein E & Barros AJD. *Rev Saúde Pública* 2010; 44(1):28-38.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Orientações curriculares para o ensino médio, vol. 1. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica 2006; 239 p.

Canguilhem G. O Normal e o Patológico. 4^a. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 1995.

Capoeira em Evidência. Capoterapia: a redescoberta da vida saudável. 2006; julho XI(IV):4.

Capoeira N. Capoeira: os fundamentos da malícia (5^a. ed.). Rio de Janeiro: Record; 1999.

Capoeira Negro 100 por cento, Ano1 no. 2, Editora Escala Ltda; 2001.

Chauí M. Ética e violência. Teoria e Debate; out-nov-dez; 1998. Disponível em <http://www.teoriaedebate.org.br/edicoes/555>. Acesso em: 29/06/2015.

Chauí M. Contra a Violência. Fundação Perseu; Abramo; 2007. Disponível em <http://novo.fpabramo.org.br/content/contra-violencia>. Acesso em: 29/06/2015.

Cunningham C. APAE Capoeira excepcional é a capoeira do excepcional. *REVISTA CAPOEIRA arte e luta brasileira*. 1998 Maio; I(1):18-19.

Daolio J. Collective sporting games: from the operational principles to the technical gestures – pendulous model according to Claude Bayer's ideas. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento* 2002; **10**, 99-104.

Delamont S. The smell of sweat and rum: teacher authority in capoeira classes. *Ethnography and Education* 2006; *1*(2), 161-175.

Delamont S & Stephens N. Up on the roof: The embodied habitus of diasporic capoeira. *Cultural Sociology* 2008; *2*(1), 57-74.

Deputado M. Menino quem foi seu Mestre? Produção independente; 2004.

Dessen MA, Murta SG. A metodologia observacional na pesquisa em psicologia: Uma visão crítica. *Cadernos de Psicologia* 1997; *1*:47-60.

Downey G. Listening to capoeira: Phenomenology, embodiment, and the materiality of music. *Ethnomusicology* 2002; 487-509.

Downey G. *Learning Capoeira: Lessons in cunning from an Afro-Brazilian art*. Oxford: Oxford University Press; 2005.

Eduardo LP & Egry EY. Estatuto da Criança e do Adolescente: a visão dos trabalhadores sobre sua prática. *Rev. Esc. Enferm. USP*, 2010; 44(1): 18-24.

Falcão JLC, Silva BES, Acordi LO. Capoeira e os passos da vida. In Silva AM, Damiani IR (orgs.), *Práticas Corporais. Vol.3. Experiência em educação física para a outra formação humana*. Florianópolis: Nauembru Ciência & Arte; 2005.

Falkenbach AP, Drexler G, Werle V. Didática da educação física e inclusão. *Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas*. 2007 Jan; 28(2):103-119.

Gallahue, DL. *Understanding motor development: infants, children, adolescents*. Indiana, Benchmark; 1989.

Gallahue DL, Ozmun JC. *Compreendendo o Desenvolvimento Motor: Bebês, Crianças, Adolescentes e adultos (3ª ed.)*. São Paulo: Phorte Editora Ltda; 2002.

Garganta J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: A. Graça & J. Oliveira (Eds.). *O ensino dos jogos desportivos*. 2ed. Porto, Universidade do Porto; 1995.

Garganta J & Gréhaigne JF. Abordagem sistémica do jogo de futebol: moda ou necessidade? *Revista Movimento* 1999; Ano V, **10**, 40-50.

Ginzburg C. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras; 1989.

Góes MCR. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cadernos Cedes*, ano XX, nº 50, Abril/2000.

Goffman E. *Estigma*. São Paulo, Perspectiva; 1975.

Heller A. *O cotidiano e a história*. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra; 2000.

Lório LS, Darido SC. Capoeira. In Darido SC, Rangel ICA(coordenação).Educação Física no Ensino Superior: Educação física na escola – Implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2005.

Lewontin, R.C.; Rose, S. & Kamin, L.J. Not in our genes. Biology, ideology and human nature. New York: Pantheon Books. 1984

Lima MC. Ginga no cerrado: capoeira e mobilização social. Brasília; 2001.

Ludke M, André M. *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU; 1986.

Mattos RS & Luz MT. Sobrevivendo ao estigma da gordura: um estudo socioantropológico sobre obesidade. *Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro* 2009; **19**, 489-507.

Mattos RS, Perfeito R, Carvalho MCVS & Retondar J. Obesity and bullying in childhood and adolescence: the stigma of fat. *Demetra: nutrição & saúde* 2012; **7**, 71-84.

Moysés MAA. A institucionalização invisível: crianças que não-aprendem-na-escola. FAPESP/Mercado de Letras, Campinas – S. P.; 2008.

Pino A. As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez; 2005.

Pinto, TDO. Capoeira, samba, candomblé. *Afro-brasilianische Musik im*; 1991.

Puhl RM, Heuer CA & Brownell KD. Stigma and Social Consequences of Obesity. In: *Clinical Obesity in Adults and Children, Third Edition* Edited by Peter G. Kopelman, Ian D. Caterson and William H. Dietz 2011 Blackwell Publishing Limited 2010; ISBN: 978-1-405-18226-3.

Santos, SR. Capoeira para crianças com necessidades educativas especiais: um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em saúde da criança e do adolescente) – UNICAMP, Campinas- S.P; 2010.

Scaglia AJ, Reverdito RS, Cristian LL & Lizana JR. O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. *Movimento* 2013; **19**, 227-249.

Silva SC, Aranha MSF. Interação entre professora e alunos em salas de aula com proposta pedagógica de educação inclusiva. *Rev. Bras. Ed. Esp.* 2005; set-dez;II(3):373-394.

Sorensen K, Mouritsen A, Aksglaede L, Hagen CP, Mogensen SS & Juul A. Recent Secular Trends in Pubertal Timing: Implications for Evaluation and Diagnosis of Precocious Puberty. *Hormone Research in Paediatrics* 2012; 77, 137–145.

Stephens N & Delamont S. Samba no mar: Bodies, movement and idiom in Capoeira. *Body/embodiment: Symbolic interaction and the sociology of the body* 2006; 109-122.

Teixeira M. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo 2009; v. 12, n. 2, p. 356-365, junho.

Tourinho FH & Tourinho LSPR. Crianças, adolescentes e atividade física: aspectos maturacionais e funcionais. *Rev. paul. Educ. Fís.*, São Paulo, 1998; 12(1): 71-84, jan./jun.

Vieira LR., Assunção MR. Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira. *Estudos Afro-Asiáticos*. 1998; (34): 81-121.

Williams NA, Fournier J, Coday M, Richey PA, Tylavsky FA & Hare ME. Body esteem, peer difficulties and perceptions of physical health in overweight and obese urban children aged 5 to 7 years. *Child: care, health and development* 2012; **39**, 825–834.

ANEXO:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, R.G. _____,
responsável por _____.

Dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário da pesquisa: *“Integração de adolescentes com grupos em situação de doença ou de risco. O enfrentamento de medos e preconceitos mediado pela capoeira”*, sob a responsabilidade do pesquisador Sandro Rodrigues dos Santos.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1- O objetivo da pesquisa é estudar e observar a integração de adolescentes com grupos distintos, em situação de doença ou risco, analisando questões relativas ao enfrentamento e superação de preconceitos.
- 2- Durante o estudo serão realizadas observações e entrevistas com os adolescentes em aulas de Capoeira no Grupo os Seareiros “Núcleo Mãe Maria” e nos espaços onde os adolescentes compartilharão experiências com outros grupos, como o CEPRE, o Hospital das Clínicas da UNICAMP, o Centro Municipal de Proteção a Crianças e Adolescentes (CMPCA).
- 3- As aulas serão semanais e terão duração de aproximadamente 60 minutos.
- 4- As aulas serão registradas em vídeo e diário de campo.
- 5- A pesquisa não oferece riscos conhecidos aos participantes.
- 6- Os materiais (registros escritos e fitas/cd’s) decorrentes da pesquisa ficarão no CIPED-UNICAMP à disposição apenas dos participantes e pesquisadores envolvidos.
- 7- Os participantes podem interromper a qualquer momento a participação na pesquisa, sem prejuízo da continuidade do serviço oferecido.
- 8- Os dados pessoais dos participantes serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura especializada.

9- Os participantes poderão entrar em contato com o responsável pelo estudo, Prof. Ms. Sandro Rodrigues dos Santos, no CIPED-UNICAMP, sempre que julgar necessário pelo telefone (19) 35218959.

10- Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

Campinas, _____

Assinatura do Voluntário

Assinatura do Responsável Legal

Comitê de Ética em Pesquisa

Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126 - Caixa Postal 6111 13083-887 Campinas – SP

Fone (019) 3521-8936 Fax (019) 3521-7187 e-mail: cep@fcm.unicamp.br